



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DA HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**LUCAS AUGUSTO CABI**

**A VARIAÇÃO LÉXICO SEMÂNTICO DO PORTUGUÊS GUINEENSE:  
O CASO DE BISSAU**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

**LUCAS AUGUSTO CABI**

**A VARIAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS GUINEENSE:  
O CASO DE BISSAU**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

Coorientador. Prof. Dr. Rajabo Alfredo Mugabo Abdula.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
- UNILAB Sistema de Bibliotecas da Unilab - SIBIUNI  
Catalogação de Publicação na fonte

Bibliotecária-documentalista: **Helka Sampaio Ramos** – CRB 5 / 1432

---

Cabi, Lucas Augusto  
C115v A variação léxico-semântica do português guineense : o caso Bissau / Lucas Augusto Cabi. – São Francisco do Conde-BA, 2023.  
79 f. ; il.

Monografia (graduação), Instituto de Humanidades e Letras / Malês,  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde-BA, 2023

Orientador: Profº. Dr. Alexandre António Timbane.

Coorientador: Profº. Dr. Rajabo Alfredo Mugabo Abdula.

1. Variação linguística. 2. Língua portuguesa – Guiné-Bissau. 3. Processos neológicos.  
4. Léxico. I. Timbane, Alexandre António. II. Abdula, Rajabo Alfredo Mugabo. III. Título.

CDD 410

---

BA/UF/BSCM

**LUCAS AUGUSTO CABI**

**A VARIAÇÃO LÉXICO-SEMÂNTICA DO PORTUGUÊS GUINEENSE:  
O CASO DE BISSAU**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês da UNILAB como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

Data de aprovação: 2 de fevereiro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. **Alexandre António Timbane**, Professor orientador

*Alexandre António Timbane*

---

Prof. Dr. **Rajabo Alfredo Mugabo Abdula**, Professor co-orientador

*Rajabo Alfredo Mugabo Abdula*

---

Profa. Dra. **Amália Maria Vera-Cruz de Melo Lopes**, Professora examinadora

*Amália Maria Vera-Cruz de Melo Lopes*

---

Profa. Dra. **Raquel Meister Ko. Freitag**, Professora examinadora

---

**gov.br**

Documento assinado digitalmente  
RAQUEL MEISTER KO FREITAG  
Data: 05/02/2023 10:25:53-0300  
Verifique em <https://verificador.it.br>

Dedico este trabalho ao meu pai Augusto Cabi (*In memória*) e a minha mãe Segunda Quade Cabi (*In memória*), pelo tanto esforço de nos educar para nos tornar em quem somos agora. Com tantas dificuldades, nunca desistiram de nós. A morte nos separou, mas vocês estarão sempre nas nossas memórias. Este trabalho é o fruto da vossa educação. Obrigado por tudo!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus todo poderoso pela vida e saúde que me concedeu durante esse tempo.

Agradeço ao meu pai Augusto Cabi (*In memória*) e a minha mãe Segunda Quade Cabi (*In memória*), pela educação e amor que demonstram por mim e por meus irmãos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Alexandre António Timbane, pelo acolhimento e sábias orientações. Que sempre acreditou em mim e me impulsiona para correr atrás dos meus objetivos. Ao meu co-orientador Prof. Dr. Rajabo Alfredo Mugabo Abdula pelas sábias orientações e atenção dada ao meu trabalho.

Agradeço à Profa. Dra. Amália de Melo Lopes e à Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag por aceitarem convite de ser avaliadoras do trabalho e pelas contribuições dadas ao trabalho.

Aos meus irmãos, Mazeias Augusto Cabi, Nádia Augusto Cabi (Já), Benvinda Augusto Cabi (N da), Ivan Augusto Cabi, Tiago Augusto Cabi, Bilone Augusto Cabi, Daniel Augusto Cabi, Salifo N tique Nhate pelo carinho e apoio durante esse percurso acadêmico.

Ao Domingos Tchuda, Jó da Cunha, Djonsinho, Braima Sambú, João Cabral, Bernardo Cabral e Sábado Cabral.

Aos meus sobrinhos Santa quenhou, Jason, Namar e Caroly.

À Alzira Coelho a irmã que a UNILAB me deu. A pessoa importante para mim durante esse período da minha graduação. Também pelo apoio na correção do resumo em crioulo guineense, sempre preocupada com o meu trabalho.

À todos colegas da graduação. Principalmente à Verónica por ser a pessoa com quem trabalhei nas disciplinas de estágio, nas realizações de alguns trabalhos em grupo, e por ser a pessoa que sempre procuro para esclarecer as minhas dúvidas sobre alguns trabalhos também sempre preocupa com a realização deste trabalho. Também à Mariama porque foi a pessoa que eu compartilhei alguns momentos com ela e, trabalhamos juntos nas disciplinas de estágio e em outras disciplinas e, foi a pessoa que sempre conversei com ela discutindo alguns assuntos, e foi a pessoa importante para mim na construção deste trabalho. Também à Larissa e Gilmar. Ao Amison Nanque pelo apoio na tradução para a língua Inglesa.

Também agradeço o Sana, Caramó as pessoas que me acolheram nos momentos que eu estava precisando. Pefna meu acolhedor aqui no Brasil, Iqui Djú e Galileu.

Ao Baticã Mané, Segunda Cá, Bernardo Alexandre (Toto) e David pelo apoio nos textos para realização da minha pesquisa.

À Maimuna, pelo apoio na realização das entrevistas e a todos os participantes da entrevista que contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço a vossa participação e apoio na construção deste trabalho.

Ao corpo docente do curso de Letras-Língua Portuguesa da UNILAB pelos ensinamentos.

À todos que me apoiaram de uma forma direta ou indireta.

Ao governo brasileiro pela parceria com os países africanos e a iniciativa de criar uma universidade de integração.

Por último, não menos importante, à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela oportunidade e pelos ensinamentos que eu recebi aqui.

## RESUMO

A Guiné-Bissau (GB) é um pequeno país da costa ocidental da África. Além de Português que é a língua oficial, existem outras línguas de origem africana no país. Dentre essas línguas, o crioulo guineense é o mais falado pelos moradores de Bissau e é a língua veicular dos guineenses. A língua portuguesa chegou na GB por meio da colonização. O português falado em Bissau varia, sofreu mudanças no nível lexical, semântico, fonético-fonológico e sintático. A forma como essa língua é falada em outros países é diferente da forma como é falado em Bissau. A variação e a mudança lexical de uma língua é muito visível nas comunidades linguísticas, é influenciada pelos aspectos socioculturais do grupo onde a língua é falada. Neste trabalho, problematizamos o seguinte: quais são os fatores que influenciam na variação léxico semântico da variedade do português guineense? Partimos da hipótese de que a variação ocorre porque há influências das línguas dos grupos étnicos da Guiné-Bissau e do crioulo (guineense) no português; A variação ocorre porque os significados das unidades lexicais das línguas dos grupos étnicos da Guiné-Bissau e do crioulo são diferentes das do português; A variação léxico-semântica do português guineense é questão de várias línguas que existem no país. O trabalho tem como objetivo geral: analisar a situação da variabilidade do léxico do português guineense. Especificamente a pesquisa visa comparar os léxicos do português guineense com o léxico do português que é falado nos países lusófonos; II) debater os fatores que influenciam a variação léxico-semântica do português guineense; III) diferenciar o léxico do português guineense com léxico de outros portugueses. Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo e quantitativo. A metodologia visa gravar informantes de faixa etárias diferentes em Bissau e no Brasil. Os fundamentos do trabalho se baseia em debates de Antunes (2012), Correia e Almeida (2012), Faraco (2019), Biderman (2001) e Bagno (2007). Com base nas pesquisas concluímos que o português falado na Guiné-Bissau varia e existe a necessidade de criação e publicação de gramática e de dicionário dessa variedade. O trabalho é relevante para a sociedade guineense e, também, para outras comunidades que desejam valorizar e preservar a variedade.

**Palavras-chave:** léxico; língua portuguesa - Guiné-Bissau; processos neológicos; variação linguística.



## ABSTRACT

The Guinea-Bissau (GB) is a small country and is located on the west coast of África. The portuguese is oficilly language, but has many origin african langues in country of Guinea Bissau. Among this langues, the crioula (o) is the most talked about by the residents in Guinea Bissau and is vehicular langue of the guineans. The portugûês langue was arrived in Guiné Bissau trhough of the colonization. The spoken portuguese in Guinea Bissau varies, underwent changes at the lexical, semantic, phonetic-phonological and syntactic levels. The way this language is spoken in other countries is different from the way it is spoken in Bissau. The variation and lexical change of a language is very visible in linguistic communities; the sociocultural aspects of the group influence it where the language is spoken. In this work problematizes the following: How many factors that influence the lexical semantic variation of the variety of Guinean Portuguese? We start from the hypothesis that the variation occurs because there are influences of the languages of the ethnic groups of Guinea-Bissau and the Creole (Guinean) in Portuguese; The variation occurs because the meanings of the lexical units of the languages of the Guinea-Bissau and Creole ethnic groups are different from those of Portuguese. The variation lexical-semantic of the gueneans portugues is question of the many languages in Guinea Bissau or country. The work has objective or general goal is to analized of the situation variability of the portugues guineans. Specifically, the research aims to compare Guinean Portuguese lexicons with the Portuguese lexicon that is spoken in Portuguese-speaking countries; II) discuss the factors that influence the lexical-semantic variation of Guinean Portuguese; III) differentiate the lexicon of Guinean Portuguese with the lexicon of other Portuguese. This work has it's about qualitative and qantitative character. The Metodology is aims to record informants from different age groups in Bissau and Brazil. The fundaments (fundamentals) of this work is based in diferents debates of the Antunes (2012), Corea and (2012), Faraco (2019), Bideman (2001) and Bagno (2007). With based in necessary the criation and grammer publication in the same about dictionary in this variety. This job or work is very relevance to Guinean society and, too, to others comunidades need to give the valorization and preserve the variety.

**Keywords:** léxicon; linguistic; neologics process; Portuguese; variation guineans.

## RUSUMO

Guiné-Bissau (GB) i um país pikininu di kosta osidental di África. Parlen di portuguis ku sedu língua oficial, i tem tambí utrus línguas di origen afrikanu na país. Na es línguas kriol guinensi i mas ta papiadu pa moraduris di Bissau i língua veikular di guinensis. Língua portuguis tchiga na GB atraves di kolonizason. Portuguis kuta papiadu na Bissau ta muda, i sufri mudansa na si nivel lexikal, semantiku, fonetiku-fonologiku i sintatiku. Forma kuma ku es língua ta papiadu na utrus países i diferenti ku kuma ku i ta papiadu na Bissau. Variason ku mudansa lexikal di un língua i mas ta odjadu na kumunidades linguísticas, ita n'fuluensiadu pa aspetos socioculturais di grupo nunde ku língua ta papiadu. Na es tarbadju, no pui siguinti purbulema: kal ki factoris ku ta nfluensia na variason lexiku semantiku di variedadi di portuguis guinensi? No tene suma ipotisi di kuma variason ta kuri pabia i tem nfluensia di línguas di grupus di Guiné-Bissau ku di kriol (Guinensi) na portuguis; Variason ta kuri pabia signifíkadus di unidadi lexikais di línguas di grupus etnikus di Guiné-Bissau i di kriol i diferenti di portuguis; Variason lexiku semantika di portuguis guineense i kiston di manga i línguas ku tem na país. Es tarbadju tene suma objetivu geral: analisa situason di variabilidadadi di lexiku ku di portuguis guinensi. Spesifikamenti piskisa misti kompara lexikus di portuguis guinensi ku lexiku di portuguis kuta papiadu nos países lusofonus; II) dibati factoris ku ta nfluensia variason lexiku-semantika di portuguis guinensi; III) diferencia lexiku di portuguis ku lexiku di utrus portuguisis. Es tarbadju na trata de um tarbadju di karater kualitativu ku kuantitativo. Si metodologia i pa grava nformantis di idadis diferentis na Bissau ku Brasil. Fundamentus di tarbadju basia na dibatis di Antunes (2012), Correia e Almeida (2012), Faraco (2019), Biderman (2001) i Bagno (2007). Ku basi na es piskisa, no konklui kuma portuguis ku ta papiadu na Guiné-Bissau ta varia i tem nesesidadi di kriason i publikason i gramatika i disionario di es variedadi. Tarbadju i nportanti pa sosiedadi guinensi i tambí, pa utrus kumunidades ku disdja da balur ku guarda es variedade.

**Palabras-tchabi:** lexiku; lingua portuguis - Guine-Bissau; linguística; prusesus neologikus; variason.

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b>	Localização da Guiné-Bissau	23
<b>Mapa 2</b>	Mapa da cidade de Bissau e seus bairros	58

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Subfamília Oeste atlântico	22
<b>Quadro 2</b>	Subfamília mande	22
<b>Quadro 3</b>	Formas linguísticas não padrão	35
<b>Quadro 4</b>	Variações fonético-fonológico	36
<b>Quadro 5</b>	Variações morfossintática	36
<b>Quadro 6</b>	Variações léxico semântico	45
<b>Quadro 7</b>	Unidades lexicais do crioulo para português	66
<b>Quadro 8</b>	Unidades lexicais proveniente das outras línguas étnicas faladas na Guiné-Bissau	67
<b>Quadro 9</b>	Dados encontrados no dicionário e os seus significados	71

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Dados dos informantes em Bissau	81
<b>Tabela 2</b>	Dados dos informantes em Brasil	81
<b>Tabela 3</b>	Palavras de origem guineense e das línguas étnicas no português guineense	81
<b>Tabela 4</b>	Porcentagens dos falantes masculino e feminino no Brasil	82
<b>Tabela 5</b>	Porcentagens dos falantes masculino e feminino de Bissau	82
<b>Tabela 6</b>	Porcentagens das faixas etárias dos entrevistados no Brasil	82
<b>Tabela 7</b>	Porcentagens total dos entrevistados	82

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRONIMOS**

**RGPH:** Recenseamento Geral de População e Habitação

**PG:** Português Guineense

**PGB:** Português da Guiné-Bissau

**LP:** Língua portuguesa

**INE:** Instituto Nacional de Estatísticas

**CPLP:** Comunidade dos Países da Língua Portuguesa

**CG:** Crioulo Guineense

**UCB:** Universidade Colinas de Boé

**ULG:** Universidade Lusófona da guineense

**BIMANTECS:** Bissau International Management and Technology School

**ONU:** Organizações das Nações Unidas

**HD:** Hard Disc

**GB:** Guiné-Bissau

**CRGB:** Constituição da República da Guiné-Bissau

**LBSE:** Lei de Bases do Sistema Educativo.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>2</b>	<b>CAPITULO I: O CONTEXTO GEOGRÁFICO, ÉTNICO E SOCIOLINGUÍSTICO DA GUINÉ-BISSAU</b>	19
2.1	ASPECTOS GERAIS	19
2.2	CHEGADA DOS PORTUGUESES NA GUINÉ-BISSAU	24
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO II: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS</b>	27
3.1	DEFINIÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM	27
3.2	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	29
3.3	CARACTERÍSTICAS DA VARIAÇÃO	34
3.4	A VARIAÇÃO DIACRÔNICA	37
3.5	A VARIAÇÃO DIATÓPICA	38
3.6	VARIAÇÃO DIASTRÁTICA	39
3.7	VARIAÇÃO DIAMÉSICA	41
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO III: PROCESSOS NEOLÓGICOS E A NEOLOGICIDADE</b>	43
4.1	O LÉXICO, O VOCABULÁRIO E A SEMÂNTICA	43
4.1.1	Léxico	43
4.1.2	Vocabulário	47
4.1.3	Semântica	48
4.2	RELAÇÕES ENTRE O LÉXICO E GRAMÁTICA	51
4.3	NEOLOGISMOS LÉXICO-SEMÂNTICOS	52
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO IV: METODOLOGIA</b>	57
5.1	ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DE BISSAU	57
5.2	ASPECTOS DA RELIGIÃO E DA CULTURA	58
5.3	CAMINHOS METODOLÓGICOS	59
5.4	FASES DA ENTREVISTA	60
<b>6</b>	<b>CAPITULO V: APRESENTAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA</b>	62
6.1	FALANTES GUINEENSES EM BISSAU	67
6.2	FALANTES GUINEENSES NO BRASIL	69
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	72
	<b>REFERÊNCIAS</b>	75
	<b>APÊNDICES</b>	80

## 1 INTRODUÇÃO

O português é a língua oficial da GB. É uma língua de origem europeia que chegou à GB por meio do processo da colonização. Ela é falada como segunda ou terceira língua para a maioria da população. O português que chegou com os colonos já não é o mesmo hoje. Trata-se de uma variedade com características lexicais, fonológicas, fonéticas, morfossintáticas, pragmáticas e semânticas.

Esta pesquisa analisa esta variedade emergente que resulta do contato entre o português, os crioulos e as diversas línguas africanas faladas no território guineense. O foco da presente pesquisa é o léxico. O estudo do léxico é complexo e acolhe a lexicologia e a lexicografia. A **Lexicologia** é a ciência que dedica ao estudo do léxico. A **lexicografia** é a ciência que se dedica ao estudo da organização e produção de dicionários. As duas ciências mencionados para estudo de léxico, são de grande importância para se compreender a variabilidade do léxico em contexto de uma língua viva. A Lexicologia tem como objeto básico para o estudo e análise da palavra, categorização lexical e a estruturação do léxico, e a Lexicografia é ciência dos dicionários (BIDERMAN, 2001).

A Lexicografia é área de estudos do léxico que se dedica a organização do repertório lexical existente em uma língua, sendo então a responsável pela produção de dicionários, vocabulários e glossários. Os estudos lexicais de uma língua são muito fundamentais para uma sociedade como a Guiné-Bissau, um país com diferentes línguas além do português que é língua oficial, portanto é necessário fazer o estudo do léxico do português falado pelos guineenses.

O estudo de vocabulário é muito fundamental para nós nessa pesquisa como estamos a falar do léxico de uma língua, achamos por bem que devemos discutir um pouco sobre o vocabulário das pessoas. É importante distinguir o vocabulário do léxico, que são diferentes, todos são elementos de uma língua, precisamos de um para podemos ter o outro. No estudo de Vilela (1997), diferencia o léxico do vocabulário, o autor concorda com a ideia de que o vocabulário tem o lugar e o tempo determinado que seja ocupado por uma comunidade linguística. E esse mesmo vocabulário difere do léxico porque o léxico é aberto.

Para Correia e Almeida (2012, p.15), vocabulário é “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de fato nesse discurso”. Uma pessoa



pode ter domínio de um vocabulário em certas áreas do saber. Esse vocabulário é terminológico. O vocabulário é recorte do léxico. Toda pessoa possui certo vocabulário para se puder comunicar e com tempo essa pessoa pode aumentar o seu vocabulário com surgimento de novo léxico na comunidade ou na área que a pessoa se dedica a ampliar os seus vocabulários. De acordo com estudo de Biderman, “vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades” (BIDERMAN, 1996, p.32).

De acordo com Fafina “A língua portuguesa chegou ao continente africano junto com os navegadores que se dedicavam a fazer viagens e descobertas de novas terras”. (FAFINA, s.d, p.03). Quando esses navegadores invadiram a África começaram a divulgar a língua portuguesa através de contatos com os nativos. Portanto, na Guiné-Bissau, a língua portuguesa chegou no mesmo ano que os invasores chegaram em 1446. O português é usado nas escolas, nos documentos oficiais do país, não é falado no cotidiano dos guineenses, ou seja, ela não tem número maior dos falantes.

Neste trabalho, vamos discutir sobre português guineense, uma das variedades do português falado pelos guineenses que é diferente das outras variedades faladas em outros países lusófonos. Problematizamos o seguinte: sabendo que o português da Guiné-Bissau é diferente do português falado nos outros países lusófonos se questiona quais os fatores que influenciam na variação léxico-semântica da variedade?

Para responder ao problema, levantemos as seguintes hipóteses: Hipótese I) A variação ocorre porque há influências das línguas étnicas e do crioulo (**guineense**) no português; Hipótese II) A variação ocorre porque os significados das unidades lexicais das línguas étnicas e do crioulo são diferentes das do português; Hipótese III) A variação léxico-semântica do português guineense é questão de várias línguas que existem no país.

Esta pesquisa tem como por objetivo principal: Analisar a situação da variabilidade do léxico do português guineense. Como objetivos secundários a pesquisa visa: (i) Comparar o léxico do português guineense com o léxico do português que é falado nos países lusófonos; (ii) Debater os fatores que influenciam a variação léxico-semântica do português guineense; (iii) Diferenciar o léxico do português guineense com léxico de outros portugueses;

A língua é um instrumento muito complexo, portanto, em suas diferentes formas de uso: fala, escrita e/ou de sinais. Nessa ótica, o trabalho será muito relevante para a sociedade guineense e, também para outras comunidades que querem conhecer a variedade do português guineense. O trabalho é muito importante, porque ajudará os guineenses a conhecer um pouco da variedade guineense, também é muito importante para a comunidade acadêmica. Com esse trabalho futuramente pode ser construído um dicionário do português guineense (PG) e a sua gramática normativa. O interesse pelo tema justifica-se em compreensão da forma como os guineenses usam a língua portuguesa e como ela se varia nessa comunidade linguística.

O trabalho está dividido em cinco capítulos além da introdução e as conclusões. Estruturamos o trabalho da seguinte maneira: no primeiro capítulo é reservado para a discussão sobre o contexto geográfico, étnicos e sociolinguístico da Guiné-Bissau também de chegada dos portugueses na Guiné-Bissau. No segundo capítulo, tratamos da variação linguística e as suas características no qual, abordamos assunto sobre a língua e linguagem. No terceiro capítulo, tratamos do processo neológico e neologicidade. Discutimos o que são os neologismos, léxico, vocabulário e semântica. Também, no mesmo capítulo fizemos a discussão sobre a relação entre léxico e a gramática e falamos dos neologismos léxico-semânticos. O quarto capítulo é reservado para a demonstração das metodologias do trabalho e algumas discussões sobre aspetos geopolíticos e culturais de Bissau. Também as suas populações e características da amostra. No último capítulo, apresentamos os dados da pesquisa o qual recolhemos das entrevistas feitas e, temos as considerações finais e as referências.

## 2 CAPITULO I: O CONTEXTO GEOGRÁFICO, ÉTNICO E SOCIOLINGUÍSTICO DA GUINÉ-BISSAU

### 2.1 ASPECTOS GERAIS

A Guiné-Bissau é um país que fica situado na Costa Ocidental da África, e tem 36.125km<sup>2</sup>, faz a fronteira com a República de Senegal ao norte e ao leste e o Sul com a República de Guiné-Conacri. Os números da população guineense veem aumentando nesses últimos anos com relação a do censo de 2009. De acordo com dados de World Bank, o país tem cerca de 2,015,490 milhões de habitantes. (WORLD BANK, 2021) e esse número ainda pode aumentar tendo em conta o crescimento da população guineense.

A Guiné-Bissau é formada por uma população heterogênea composta por pessoas provenientes de diferentes grupos étnicos. Existem mais de 20 grupos étnicos que vivem no país (COUTO; EMBALÓ, 2010), dentre os quais se cita: Balantas, Fulas, Papéis, Mandingas, Bijagós, Manjacos, Mancanhes, Nalus, Felupis, Biafadas, Mansoanca, Nhominka, etc. Cada grupo tem sua língua de comunicação dentro da sua comunidade, por exemplo, Balantas falam a língua Balanta, Pepelis falam pepel, fulas falam fula e assim sucessivamente. Além dessas línguas africanas faladas por diferentes grupos, também se fala a LP, o guineense (crioulo/ kriol), o francês e o inglês, as duas últimas são ensinadas como línguas estrangeiras. A Língua Gestual Guineense existe e é falada pela comunidade surda. De acordo com Martins e Morgado (2008), em 2006, devido ao aumento exponencial dos alunos surdos foi criada a Escola Nacional de Surdos, que passou a utilizar salas em simultâneo, aproximando os turnos dos grupos de surdos para que desenvolvessem um maior contacto.

O inglês e o francês são as línguas exigidas em algumas empresas privadas. Para concorrer às vagas nessas empresas ou instituições privadas do país, o candidato precisa ter o conhecimento da língua francesa ou inglesa dependendo do que for solicitado, além do português que é exigido também como a língua oficial. Sabemos que o país em causa, faz a fronteira com países da colônia francesa, portanto, é provável que nas fronteiras da Guiné-Bissau com Senegal ou Guiné-Conakry as pessoas falem francês tendo em conta a influência.

O analfabetismo tem um número muito elevado na Guiné-Bissau. De acordo com os dados do último recenseamento da população a nível nacional (INE, 2009) a população guineense de 6 anos ou mais são alfabetizadas, ou que sabem ler e escrever e, esse número de pessoas corresponde a 51,9%. Esses dados indicam que, 48,1% não são alfabetizadas, ou mesmo que eles foram alfabetizados, não sabem ler e escrever. Os dados mostram, ainda, que a população guineense alfabetizada de 6 anos ou mais, entre os homens e as mulheres corresponde a 58,2% entre os homens e 42,8% entre as das mulheres (INE, 2009). Isso mostra que, os homens são mais alfabetizados que as mulheres. Os dados apresentados mostram que maioria das populações guineense precisa ainda de ser alfabetizada principalmente as mulheres que têm uma percentagem inferior aos dos homens.

Na Guiné-Bissau, as mulheres que frequentam a escola são poucas. Por isso que, os homens têm o maior número de percentagem (%). Isso se deve ao fato de que maioria das mulheres na fase de adolescência são dadas ao casamento e as maiorias acabam por abandonar a escola.

Os grupos étnicos são, Fulas (28.5%), Balantas (22.5%), Mandingas (14,7%), Pepels (9.1%), Mandjacos (8.3%), Beafadas (3.5%), Mancanhes (3.1%), Bijagos (2.1%), Felupes (1.7%), Mansoncas (1.4%), Balanta Mané (1.0%), Nalu (0.9%), Saracule (0.5%) e Susso (0.4%). (GUINÉ-BISSAU, 2009). São dados apresentados pelo INE no seu documento oficial de último recenseamento geral da população e habitação.

No parágrafo anterior, fizemos algumas mudanças dos nomes dos grupos étnicos, porque entendemos que o nome desses grupos não deve ser mudado para ser chamado como o colonizador fez. O que aconteceu com esses nomes tanto dos grupos étnicos assim como das regiões, é que os portugueses tinham dificuldade em pronunciar esses nomes, então, resolveram chamar e escrever da forma que lhes veio, por exemplo, o nome **papel** que deveria ser (**pepel**), **Sosso** (**Susso**) e entre outros nomes.

A palavra **Papel** na língua portuguesa tem um significado que quase em toda CPLP os falantes vão entender da mesma forma. Quando uma pessoa usa o conceito **Papel** cremos que a imagem que vai aparecer nas mentes das outras pessoas é de um papel de escrever pode ser de linhas ou sem linhas. Embora, a mesma palavra pode ter outro significado, mas nesse caso podemos dizer que a melhor forma de nominar esse grupo étnico é **pepel** que é o nome da origem.

Alguns autores como Scantamburlo (2013), não usaram alguma vez a palavra papel, mas sim **pepel**.

As línguas da Guiné-Bissau são divididas em dois grandes subfamílias. Subfamília **oeste atlântico**, e subfamília **mande**. Também essas subfamílias se dividem em grupos. **Oeste atlântico** está dividido em três grupos: Grupo Norte, Grupo Bijagós e Grupo Sul. No grupo norte podemos encontrar as seguintes divisões e os seus povos como mostra Scantamburlo no seu texto:

Do Senegal: Fula, Jalof e Serere.

Bak podemos encontrar: Balanta de Nhacra, de Fora, Bravos, Naga, Mané; Djola-Felupe e Djola-Baiote; Mandjaco/Mancanhe/ Pepel.

Tanda-Jaad-Num tem seguintes povos: Tanda, Conhagui; Beafada, Padjadinca (Badjaranca); Banhum, Cobia, Cassanga.

Nalú: Nalú.

No grupo Bijagos temos uma única língua fala que Bijagós.

No último grupo dessa subfamília Oeste Atlântico, temos o grupo Sul que é composta por seguintes línguas: Baga, Landumã, Timenés; Mansonca, grandes e pequenos: que vivem perto de Mansoa. (SCANTAMBURLO, 2013)

Ainda, o autor continua falando da outra subfamília que é mande. O Mande está dividido em dois grupos, Mande Tan (Norte) e Mande Fu (Sul). No Mande Tan podemos encontrar Bambarãs, Mandingas, Saracolés, Jacancas. Mande Fu encontramos Susso (Jaloncas). (SCANTAMBURLO, 2013)

Os quadros retirados de trabalho de Scantamburlo, mostram essas divisões das línguas guineenses:

**Quadro 1 - Subfamília Oeste atlântico**

GRUPO NORTE	LÍNGUA
- do Senegal	- Fula, Jalofo (Wolof), Serere (Nhominca).
- Bak	- Balanta de Nhacra, de Fora, Bravos, Naga, Mané; Djola-Felupe e Djola-Baiote; Mandjaco/Mancanhe/ Pepel.
- Tanda-Jaad-Num	-Tanda, Conhagui; Beafada, Padjadinca (Badjaranca); Banhum, Cobiana, (coboiana) Cassanga.
- Nalú	- Nalú
- Grupo Bijagó	- Bijagó (Língua falada no arquipélago Homónimo, com diferenças dialectais marcadas, conforme cinco grupos de ilhas: Canhabaque-Bubaque, Orango-uno, Formosa, Caravela-Caraxe, Soga-Ilha das Galinhas).
GRUPO SUL	- Baga, Landumã, Timenés; (ou línguas “Mel”, uma raiz comum que significa “língua”); Mansoanca, (ou Mansonca ou Sua), grandes e pequenos: vivem perto de Mansoa e no tempo colonial eram erroneamente denominados também “Cunantes”.

Fonte: Scantamburlo (2013).

**Quadro 2 - Subfamília MANDE**

GRUPO	LÍNGUAS OU POVO FALANTE
- Mande Tan (Norte)	- Bambarãs, Mandingas, Saracolés, Jacancas.
- Mande Fu (Sul)	Susso (Jaloncas).

Fonte: Scantamburlo (2013).

Algumas dessas línguas fazem parte dos diferentes grupos mencionados e outras já estão em extinção. Tendo em conta o menor número dos seus falantes outros acabam por se juntar aos outros grupos étnicos, por isso, a Guiné-Bissau hoje conta com menor números de línguas e de grupos étnicos.

A Guiné-Bissau tem três províncias, que são Norte, Sul e Leste a outra parte do país é banhado pelo oceano atlântico. Cada província tem suas respectivas regiões “que são controlados pelos governadores” como podemos observar no mapa:

Mapa 1 - localização da Guiné-Bissau



Fonte: [https://www.worldometers.info/img/maps/guinea\\_bissau\\_physical\\_map.gif](https://www.worldometers.info/img/maps/guinea_bissau_physical_map.gif)

O crioulo tem um número significativo dos falantes dentro de capital assim como nas regiões do país é falado por quase 90% da população guineense, como mostrou Augel (2006). Segundo Rodrigues, (2019, p.45) “o crioulo é língua nativa de uma comunidade inteira e, não raro, torna-se a língua nacional de um país”. O crioulo “kriol” é importante para os guineenses independentemente da região, contudo, não é permitido o seu uso nas salas de aulas e no recinto escolar. Mas é a língua que permite a maior compreensão entre os guineenses, é a língua que alguns guineenses se sentem confortável para comunicar, ele serve de ligação entre falantes de diferentes regiões da Guiné-Bissau. O crioulo é usado nos meios de comunicações, em emissões e programas de rádios e de televisão para passar as informações, entretenimento, para além de ser língua de debates entre os deputados na Assembleia Nacional Popular (ANP). Essa língua vem ocupar um lugar importante na sociedade guineense, e carrega a identidade desse povo. Embora, não seja a língua oficial do país, mas podemos considerar uma língua de unidade entre os guineenses a língua veicular.

## 2.2 CHEGADA DOS PORTUGUESES NA GUINÉ-BISSAU

A invasão portuguesa na Guiné-Bissau se deu por volta de 1445 e 1447. A caravana era chefiada pelo Nuno Tristão, mas não houve um consenso sobre essa discussão de quem chegou primeiro, a historiadores que atribuíram esse mérito ao Álvaro Fernandes que desembarcou na varella e também existem outros que atribuíram a Nuno Tristão. (BENZINHO; ROSA, 2015)

A presença portuguesa no território inicia-se em 1588 na vila de Cacheu, à altura sujeita administrativamente ao arquipélago de Cabo-Verde. Esta localidade ficou conhecida pelo seu porto de águas fundas, ideais para o transporte marítimo de ouro, marfim, especiarias e de escravos. Para além dos comerciantes portugueses e cabo-verdianos, Cacheu foi a casa dos portugueses “lançados” (aventureiros) e dos “degredados” (condenados ao exílio). (BENZINHO; ROSA, 2015, p.11)

Cacheu era o caminho para tirar os escravizados da Guiné-Bissau para outros países, tendo em conta a sua localização e as condições do seu porto. Lançados para Bull (1989), são portugueses aventureiros que só tinham uma solução para sobreviver que era viajar para o continente africano para evitar as sanções. Alguns desses lançados foram morar na Guiné-Bissau.

O português tornou-se a língua oficial da Guiné-Bissau a partir de uma instalação da administração centralizada no país. De acordo com Siga, “esta língua vai prevalecer depois da colonização, servindo como língua de ensino e de administração pública, pois é tida como uma herança colonial e uma conquista do próprio povo guineense, uma vez que a língua é de quem a usa para comunicar”. (SIGA, 2022, p.10).

Por outro lado, o autor apresentou 7 razões que fizeram com que a língua portuguesa não se firmasse na Guiné-Bissau como em outros países. Dentre elas temos: primeira o fato é que a Guiné-Bissau era uma colônia de exploração que fornecia os escravos para outros países, portanto, não existia uma intenção dos colonizadores em efetivar a língua portuguesa. A segunda tem a ver com a ocupação tardia e efetiva do poder local e a terceira trata-se da não penetração do poder colonial em todo território, mas se restringia só na capital. A quarta razão é a mistura de português com as outras línguas étnicas que se formou uma língua nova o



crioulo guineense. A quinta razão existe uma educação seletiva na Guiné-Bissau poucas pessoas tiveram acesso à educação através das regras impostas. A sexta razão a língua portuguesa é uma língua da sala de aula a última razão, que é a sétima, fala sobre resistência e a rejeição política. (SIGA, 2022).

Destacando algumas dessas razões que chamaram atenção: A 3ª razão que é a penetração dos colonizadores somente nas áreas urbanas, mesmo com essa estadia dos portugueses nessas áreas, o português não teve o sucesso em se desenvolver tendo em conta os números dos falantes das outras línguas em maior número. Também, a 5ª razão que é seletividade na educação onde poucas pessoas podem acessar a escola. Sabe-se que a escola é o espaço de divulgação da LP, tal como acontece em vários países africanos.

No caso da Guiné-Bissau, poucas pessoas falam a LP em casa, portanto, essa seletividade criou uma barreira na implementação do português, ou na sua divulgação. A 6ª razão apresentada pelo Siga (2022), é o mais complicado e não ajuda na implementação do português, porque a língua é falada dentro da sala de aulas, às vezes, somente na presença do professor, ou mesmo na presença dos professores, alguns alunos falam o crioulo e também os professores falam o crioulo para facilitar a compreensão dos alunos, estamos falando de capital onde quase todas as pessoas falam o crioulo. O português mesmo sendo oficializado a partir de uma lei, o crioulo continua tendo espaço para debates na Assembleia Nacional Popular (ANP). Para Fonseca:

A política de língua ao nível do setor educativo, na Guiné-Bissau, é enquadrada por um decreto-lei- nº 7/2007 de 12 de Novembro de 2007-, que obriga a utilização da língua portuguesa (LP) em todas as instituições públicas, nomeadamente nas escolas e especificamente dentro da sala de aula e no recinto escolar (embora este mesmo decreto preveja a possibilidade de utilizar o crioulo noutros contextos, designadamente em debates na Assembleia popular). (FONSECA, 2012, p.12 parênteses da autora).

Entendemos que essa lei é feita para ajudar na difusão da LP. Mas antes dela, o crioulo era falado na ANP pelos deputados nas suas discussões para aprovações de leis, portanto, a lei não mudou nada mesmo nas escolas o ensino continuou o mesmo português. Mesmo com a obrigatoriedade do português na escola na sala assim como no recinto escolar, o uso da língua crioula ainda é bem visível.

Para Fonseca (2012), o crioulo é muito frequente na sala de aula e serve como a **língua de apoio**. Ela auxilia professores para traduções de LP. O último que chamou a atenção é a sétima razão apresentada pelo autor que trata da resistência e dominação política dos guineenses e essa razão fez com que a implementação da LP não teve sucesso. A Guiné-Bissau ter um número significativo dos falantes de português, mas a resistência de não abandono das línguas autóctones lhe impediu de desenvolver. Portanto, a LP na Guiné-Bissau é uma língua falada por poucas pessoas como materna, assim como a segunda língua.

A constituição da República da Guiné-Bissau (CRGB) e a Lei de Base do Sistema de Educativo da Guiné-Bissau (LBSE), em nenhum momento ou em nenhum ponto falaram sobre a obrigatoriedade de uso da língua português nas escolas, ou seja, apontaram como a língua oficial do país. (MENDES, 2019). A constituição da república da Guiné-Bissau é de 1996. Ainda não existe outra constituição recente. A língua portuguesa é falada por 34,3% das pessoas que moram nas zonas urbanas, de acordo com o INE (2009).

### 3 CAPÍTULO II: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Nesse segundo capítulo, abordaremos as questões de língua, da variação linguística assim como as características deste fenômeno linguístico. Debateremos como a língua varia nos países lusófonos apontando para os fatores impulsionadores dessa variação que podem advir de dentro ou fora da língua. Nos debates será possível observar como a língua portuguesa na Guiné-Bissau varia impulsionado pelo contexto sociolinguístico complexo.

#### 3.1 DEFINIÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM

O foco nesse capítulo é de discutir a língua, linguagem e variação que são instrumentos muito importantes para sociedade. Para falar da língua precisa falar da linguagem. A língua é muito importante para os seres humanos e é exclusivo para eles. Os restantes animais não conseguem produzir. O homem precisa tanto da língua para se comunicar permitindo a comunicação das pessoas dentro das suas comunidades. De acordo com os estudos de Coelho et al. (2015), “a língua é um sistema tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si”. (COELHO et. al, 2015, p.13).

Saussure considerou a língua como “parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. (SAUSSURE, 2006, p.22). Em comunidades linguísticas os falantes estabelecem esse contrato para que eles possam comunicar de uma forma eficaz, ou seja, combinam os códigos da língua que vão usar nas suas comunidades. Portanto, a língua é criada pela comunidade linguística que a fala, através das regras que ela estabelece. Para Faraco (2019), “uma língua é, na verdade uma construção imaginária em que se mesclam fatos linguísticos com fatores históricos, políticos, sociais e culturais”. (FARACO, 2019, p.35).

Por outro lado, o autor ainda considera a língua como “um conjunto de variedades (e só assim pode ser definida) distribuídas no espaço geográfico e social e no eixo do tempo, conjunto que os falantes, por razões históricas, políticas e socioculturais, idealizam como uma realidade uma onde não há, efetivamente,

unidade”. (FARACO, 2019, p.35). A língua não se confunde com a fala, por ela é a parte social da linguagem como mostra Saussure (2006).

Ninguém usa a língua de uma forma não adequada e ninguém inventa a língua sozinha, toda a língua precisa de uma ‘convenção’ dentro da comunidade linguística. O Suíço Ferdinand de Saussure considerou a língua como um produto da faculdade da linguagem necessário que é adotado pelo corpo social para permitir o exercício da faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2006). A língua não é um sistema desorganizado, está bem organizada e que permite aos seus falantes se comunicar. Ainda para Saussure, “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares” (SAUSSURE, 2006, p.24).

A partir desses signos nós podemos entender a língua e saber compreender os elementos de uma língua. Bagno considera que “o real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar, que sobem e descem conforme o regime das chuvas”. (BAGNO, 2007, p.36). É com essa movimentação da língua como a água de um rio que fez com que não podemos lhe considerar de homogênea. As palavras entram na língua e saem e têm outras que são retomadas, mas que ganham outros significados. A língua até empresta palavras de outras, tudo ocorre de forma democrática. Trata-se de um processo normal que não pode ser visto como empobrecedor. Daí que Fiorin argumenta que

A linguagem é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e eles ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de nascer do sol. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe nascer do sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do Sol. (FIORIN, 2013, p.17).

Portanto, a partir dessa ideia entendemos que a linguagem ajuda muito, ela nos permite criar diferentes possibilidades, conceitos e ideias no uso da língua. Para Saussure “A linguagem tem um lado individual e um lado social sendo impossível conceber um sem outro” (SAUSSURE. 2006, p.16). E esse lado social é o que faz parte da nossa sociedade que é língua que Saussure chamou de “langue” na sua divisão entre língua e fala.

Como mostramos nos parágrafos anteriores, os seres humanos precisam da língua como instrumento social que permite a comunicação. Os homens conseguem organizar o mundo ao seu redor através da linguagem. A fala que Saussure chamou

de “parole” é fundamental para os seres humanos, assim como a língua, são instrumentos de comunicação inseparáveis no momento da comunicação.

Linguagem como capacidade específica da espécie humana de produzir sentidos, de se comunicar, mas também das linguagens como as diferentes manifestações dessa capacidade. Uma ordem de parar no trânsito pode concretizar-se por meio da palavra “pare” pronunciada por um guarda; por um sinal de um apito; pelo gesto de abrir a palma da mão em posição vertical; pela luz vermelha do semáforo. São diferentes linguagens que comunicam a mesma significação. (FIORIN, 2013, p.14).

De acordo com essa explicação de Fiorin, há diferentes tipos de linguagem: linguagem verbal, linguagem não verbal e linguagem mista. As funções da linguagem são: referencial, emotiva, poética, conativa, fática e metalinguística. Também podemos considerar as artes como uma linguagem, porque os seres humanos a usam para se comunicar.

O termo linguagem costuma ser associado a palavras como ‘faculdade’, ‘capacidade’, ‘atividade’, com foco tanto na função cognitiva/biológica, como na função comunicativa/social da linguagem humana. A linguagem é uma atividade cognitiva e discursiva, já que ela mantém um vínculo estreito com o pensamento e também estabelece a interlocução. (FREITAG; LIMA, 2010, p.12, grifos).

Portanto, podemos entender que a linguagem está na mente do ser humano, nasce com essa capacidade comunicativa e criativa. Terminamos esta parte concluindo que a língua é um “sistema programado em nosso cérebro que, essencialmente, estabelece uma relação entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos” (PERINI, 2010, p.1). Que fique claro que essa habilidade (que é própria dos seres humanos) precisa do elemento social porque as pessoas ativam a habilidade em contexto de convivência social. Uma criança isolada da sociedade não pode desenvolver essa habilidade apesar de ter a habilidade no seu cérebro.

### 3.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística é um assunto que merece muitas discussões no meio acadêmico, especialmente quando se fala da língua portuguesa falada na

Comunidade dos Países da Língua Português (CPLP). Para a presente pesquisa o foco é com o português guineense. Sabemos que todas as línguas que existem no mundo variam. Pode ser que o falante não conheça e nem identifique essa variação, ou por ignorância por isso que algumas pessoas negam a existência da variação, mas deve ser levada em conta porque pode provocar preconceito linguístico para além da exclusão social. Se uma sociedade não presta atenção na língua ela pode se transformar num “instrumento opressor” (TIMBANE, REZENDE, 2016).

De acordo com Coelho et. al. (2015), “**a língua varia**, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade-além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua” (COELHO et al., 2015, grifo do autor). O contato linguístico contribui para a variabilidade da língua. Lopes (2011, p.15) argumenta que

As mudanças induzidas por (ou decorrentes de) contacto podem ocorrer em apenas uma das línguas ou em ambas; neste caso, há influências mútuas, que vão desde o empréstimo lexical a interferências estruturais (Thomason, 2001). Das mudanças decorrentes de contacto pode resultar uma alteração na língua para a qual os falantes mudam (língua alvo, LA), criando-se uma nova variedade da mesma.

Para falar de variação, é importante apontar os fatores que fazem com que uma língua varie. Dentro desses fatores podemos encontrar os fatores sociais, cultural, econômico e entre outros que podem fazer com que uma língua varie. Conforme Coelho et al., (2015) para compreender uma língua precisamos analisar de forma sistemática, usando uma metodologia organizada baseada nos preceitos científicos. A língua nunca foi uma estrutura pronta acabada, inalterada ou imutável. (COELHO, et al., 2015). Por outro lado, Bortoni-Ricardo (2005, p.23) “As variedades sociais e étnicas são marcadas por alguns traços que atuam como uma peça de resistência à assimilação. Os falantes usam esses recursos de variação da língua para enfatizar a sua identidade [...]”. Em várias ocasiões vamos encontrar essa resistência nas falas das pessoas.

A variação linguística de acordo com Roman (2016) “significa dizer que a língua é heterogênea. A língua é empregada por seres humanos que vivem em sociedade, que é constituída por distintos grupos sociais, que sofrem transformações e conflitos constantes” (ROMAN, 2016, s.p). Porém, a Guiné-Bissau não escapou dessa situação. As línguas desses grupos sociais influenciam muito no

crioulo, assim como no português, na qualidade de língua oficial. A variação do português ocorre por fatores dentro e fora da língua, incluindo o contato do português com outras línguas. Câmara JR (1992) mostrou que a língua varia e cria no seu território o conceito dos dialetos. A variação é visível em cada comunidade linguística.

Não existe uma única forma de falar português. A língua portuguesa falada nos países da CPLP, tem as suas variedades. Na Guiné-Bissau, o português falado em Bissau que é a capital do país é diferente do português falado nas outras regiões, o que significa que existem variedades regionais no país que precisa de ser respeitada. Podemos tomar como modelo a variação dialetal para podermos entender um pouco das variações que ocorrem nas regiões. No Brasil, cada Estado apresenta o sotaque ao falar a língua portuguesa e esse sotaque identifica a origem social, geográfica desse a falante. A forma como uma baiana fala (sotaque) é diferente da forma como uma carioca ou mineira falam.

Cada grupo social apresenta características do seu falar que são condicionados pela sua origem, pela idade, pelo grau de escolaridade, local de residência, pelo nível socioeconômico ou mesmo pelo estilo a depender de quem fala, aonde fala ou ainda pela modalidade. Estudos de Freitag (2011, p.46, grifos da autora) mostram que,

a idade é uma das três supercategorias sociais nas sociedades industrializadas modernas, junto com a classe e o sexo, e seu atributo social é a correlação primária com a mudança linguística. Intuitivamente, percebemos a influência da idade nos processos de variação e mudança linguística: uso de uma expressão “fora de moda”, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico.

Para Timbane (2013) e Lopes (2011) essas diferenças linguísticas são causadas pelo contato entre línguas, pelo surgimento de realidade sociais, culturais, políticas e econômicas bem diferentes ou mesmo pela diferença de classes sociais. Como sabemos a língua portuguesa falada na Guiné-Bissau teve contato com várias línguas africanas assim como o francês, tendo em conta a proximidade deste com países francófonos. Em Bissau, se encontra as pessoas de diferentes grupos étnicos vindo de diferentes regiões e essas pessoas falam a língua portuguesa diferente um do outro.

Essa diferença não quer dizer que o português falado na capital Bissau seja melhor que o português falado nas outras regiões da Guiné-Bissau. Os alunos vindos das outras regiões da Guiné-Bissau, sempre são notados/identificados pelo sotaque diferente que trazem dos seus grupos étnicos, com variações fonológicas e fonéticas. No caso de cidadãos do grupo étnico Balanta, as variações fonológicas são mais visíveis: a troca de “**S**” por “**ch**” por exemplo, como no caso da palavra **sapato** onde trocam o fonema /S / é trocado por /Ch/ enquanto que na palavra **Shampoo** trocam /Sh/ por /S/, eliminando o “h”. O mesmo sucede com a troca de “**J**” por “**Z**”, por exemplo, a palavra **janela** o fonema /J/ é substituído por /Z/. Essas variações têm a ver com o domínio da língua materna africana, ou a língua falada com frequência no meio onde a pessoa cresce. Essas línguas maternas acabam por interferir na segunda língua ou terceira língua do falante. Para Witkowski, “a língua varia em muitos aspectos: de acordo com a região em que é falada, o sexo do falante, a posição social que este ocupa, a idade, o contexto histórico, ou seja, varia de acordo com a situação sociocomunicativa”. (WITKOWSKI, 2013, p.87)

É verdade que uma pessoa de classe social alta não fala da mesma forma que as pessoas da classe social média ou baixa, tendo em conta os níveis sociais de cada um, a forma de falar de cada uma dessas classes, não indica que outros falem bem e os outros não falem bem. O que deveria ser entendido nessa questão é a variação é inerente à independentemente do nível social ou não.

A variedade linguística constitui um enorme problema na educação guineense principalmente em Bissau, onde se encontra dentro de uma sala de aula pessoas com culturas diferentes e idades diferente. Um adolescente não fala igual a um jovem de trinta anos e os que têm a cultura da etnia “A” falam diferente daqueles que são da etnia “B” tornando a sala de aula espaço da diversidade e de exemplo para a compreensão da variabilidade da língua. As variedades apresentadas nas salas de aula na Guiné-Bissau, não são aceitas pelos professores, porque estes acham que todos alunos deveriam ter sotaque igual, ou ter o sotaque de Lisboa que é preconceituosamente tido como modelo. Trata-se de um mito discutido com pormenor por Marcos Bagno na obra “Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro.” Para Cá e Timbane (2021),

nas escolas, os professores se esforçam em pronunciar tal como em Portugal (sotaque português), ensinam com base na gramática e dicionário



elaborados por portugueses, o que de certo modo valoriza a variedade europeia do português. (CÁ; TIMBANE, 2021, p.130,131).

A maioria dos professores não conhece a variedade do português guineense, ou seja, esses professores pensam que se falarem sem imitar o sotaque de Portugal (português de Portugal) estariam errados. Tudo isso é a falta de conhecimento da variedade guineense do português que já existe e está sendo usada pelos guineenses. Lembrando que a língua falada é diferente da língua escrita. A língua escrita exige o domínio da norma padrão e o acordo de escrita, enquanto que na língua oral não tem o acordo de fala (CABI, TIMBANE, 2022).

O tanto esforço de tentar pronunciar como em Portugal se deve ao fato de que, foram colocados na mente dos guineenses de que “o melhor português é de Portugal” e, as outras variedades faladas em outros países lusófonas não estão corretas. Tudo isso não passa de um preconceito linguístico. Marcos Bagno no seu livro “o preconceito linguístico, quando está falando dos mitos, chamou a atenção sobre essa questão de que o Portugal é onde se fala melhor português. (BAGNO, 2007). Para Cá e Timbane (2021),

Os bissau-guineenses não falam mal português, apenas falam diferente, tal como os brasileiros, os angolanos, os moçambicanos, os timorenses falam na base das suas respectivas realidades. [...] O respeito à variedade guineense de português reduziria em grande medida as reprovações que vem ocorrendo em contexto educacional guineense (CÁ; TIMBANE, 2021, p.148).

Em todos os países lusófonos a língua portuguesa é falada levando em conta as suas realidades culturais e étnicas. Não existe o português melhor nem pior, não existem falares bonitos e feios, por isso, a escola deveria ser o principal espaço de combate ao preconceito linguístico. Entendemos que é urgente que o estado guineense pense ou reflita sobre uma política linguística que inclua a variedade local, porque não dá para continuar pensando que se fala tal como em Portugal. Esta questão provoca insucesso escolar e despreza a variedade guineense do português.

### 3.3 CARACTERÍSTICAS DA VARIAÇÃO

Iniciamos esta parte trazendo os debates de Lopes (2011, p.33) quando afirma que “a língua é um factor central na construção da identidade individual e colectiva, sem dúvida inscrita na dinâmica da sociedade, sendo que os diferentes tipos de relações que estabelecem atribuem perfis diferenciados à mesma. ” A autora acrescenta que a “ Língua, identidade e atitudes linguísticas estão intimamente relacionadas, já que a identificação com uma língua e um grupo culturalmente definido passam por atitudes positivas, de solidariedade, para com ambos, língua e grupo cultural. ” (idem).

Desta forma, existe **variação vista por dentro** da língua e a **variação vista por fora** (COELHO et al.2015) atuando em diferentes aspectos linguísticos e extralinguísticos. Na variação vista por dentro pode ser observado a variação morfológica, variação sintática, variação fonológica, variação semântica, variação lexical e variação pragmática que de certa forma precisam de ser estudadas. Por exemplo, o estudo de Freitag (2021) sobre “o desenvolvimento da consciência sociolinguístico e o sucesso no desempenho em leitura” se debruça sobre a relevância da explicação para o sucesso no aprendizado inicial da leitura e que está se relacionada profundamente com o desenvolvimento da consciência sociolinguística. Na pesquisa, a autora apresenta alguns exemplos que ilustram como a variação está presente na fala dos alunos e que o professor precisa deve estar atento para evitar que os alunos sofram preconceito linguístico ou bullying durante as atividades de leitura. Vejamos alguns exemplos possíveis no quadro 3:

**Quadro 3** - Formas linguísticas não padrão

Descrição	Exemplo	processo
A vogal [o] é pronunciada como [u], no início das palavras	<i>buné, tumati, cumeu</i>	Alçamento de pretônicas
A terminação “am” [ãu] dos verbos na 3ª pessoa do plural é pronunciada como [o]	<i>eles saíro, fizeram, brigaro, ficaro, foro</i>	Desnasalização / concordância verbal
A terminação nasal [em] é pronunciada como [i]	<i>homi, onti</i>	Desnasalização
Substituição de [lh] por [i]	<i>trabaia, paiacho, oio, oreia, muié, agüia, moiadu, vermeio, veia, véio</i>	Vocalização da aproximante lateral palatal
Substituição de [l] por [r]	<i>armoço, pranta, bicicleta, com preto</i>	rotacismo
Substituição do [r] por [l]	<i>tlem, tliste, tlês</i>	lambdacismo
Omissão do [d] no grupo consonantal [nd] das formas do gerúndio	<i>correno, falano, chorano, pulano, fazeno, brincano, conversano, pegano</i>	Supressão –d em –ndo
Omissão do [r] em alguns grupos consonantais	<i>tabalha (trabalha) ôto/ôta (outro/outra), quato (quatro)</i>	Simplificação de cluster de ataque complexo

Fonte: Barrera e Maluf apud (FREITAG, 2021, p.6).

Os exemplos do quadro reforçam a ideia de que as línguas são capazes de revelar o homem e suas convicções ao mundo, constituindo uma característica importantíssima que condiciona o processo de ilustração. Nestes exemplos, se revela a variedade brasileira e seus dialetos. Entendamos a noção de “dialeto” como sinônimo de “falar” ou de variedade (COELHO et al, 2015). Em Sociolinguística, o dialeto não é uma variedade inferior, estigmatizada de uma língua. No aspecto fonológico está claro que não existe nenhum sotaque modelo na CPLP. Todos sotaques possíveis são aceitos e devem ser considerados para que não haja “preconceito linguístico” (BAGNO, 1999). O quadro abaixo foi extraído da pesquisa de Fafina (2011). Ele nos mostra alguns exemplos da variação fonética e fonológica possíveis.

**Quadro 4** - Variação fonético-fonológico

Fenômenos linguísticos	Guiné-Bissau	Brasil
Palatalização	/dia/ /tia/	/djia/ tchia
/r/ vibrante	/carru/ /Corragem/	/Caru/ /coragem/
Deslaterização	/brazil/ /sal/ /azul/	/brasiu/ /©/ /azu/
Epêntese	/advogado/ /digno/	/adjogado/ /djiguino/
Apócope de consoante	/falar/	/falá/
Final /r/	/comer/ /servir/	/comê/ /servi/
Ditongação	/pax/ /arrox/	/paix/ /arroix/
Monotongação	/caixa/ /couro/	/caxa/ /coru/

Fonte: Fafina (2011, p. 08-09)

No quadro anterior, vimos como a variedade fonética-fonológica do português guineense (**PG**) é diferente do português brasileiro. Também existe a variação morfossintática no **PG**, e essa variação se distancia do português brasileiro ou de Portugal. Isso não torna o PG pobre e não é por acaso que Bagno (2009, p.48) afirma que “os adeptos da tradição purista sempre têm tratado o falante da língua como uma espécie de deficiente, de ignorante, como alguém que não sabe usar direito uma ferramenta que lhe foi dada ou emprestada: a língua”. Como mostra Fafina (2011) num quadro apresentado sobre a variação morfossintática do português guineense e brasileiro. Como podemos ver no quadro 5 extraído o texto de Fafina:

**Quadro 5** - Variações morfossintáticas

Guiné-Bissau	Brasil
Estou a estudar	Estou estudando
Cá estou	Estou aqui
Quer isso dizer	Isso quer dizer
A ver vamos	Vamos ver
Essa atividade é para eu fazer	Essa atividade é pra mim fazer

Fonte: Fafina (2011, p. 10)

O quadro acima mostra a diferença morfossintática entre o português guineense e o brasileiro. A forma como um guineense vai construir a sua sentença é mais parecida com o português europeu, que é falado em Portugal. Essa questão de similaridade na construção de sentença do português guineense com o português

européu é mais por uma questão histórica. Portugal dominou a Guiné-Bissau por vários anos, e a relação que as autoridades guineenses têm com Portugal em termo da educação faz com que os guineenses assimilem a forma da construção das sentenças do modelo português nas escolas.

O uso de uma gramática de Português de Portugal induz ao conflito entre as variedades guineense e portuguesa. A solução é a criação de uma gramática da gramática da variedade guineense, tal como o Brasil o fez muito bem. O Brasil valorizou a sua variedade. No Brasil foram publicadas as gramáticas de Evanildo Bechara, Maria Helena de Moura Neves, Mário Perini, José Carlos Azeredo, Ataliba Teixeira de Castilho, Marcos Bagno (NEVES; CASSEB-GALVAO, 2014). O Brasil mesmo tendo sido colonizado por Portugal teve o cuidado de descrever a sua variedade criando instrumento do tipo 'gramática' que consolida e orienta as normas do uso formal, para além de ter sido publicado dicionários para consulta dos falantes da variedade.

### 3.4 A VARIAÇÃO DIACRÔNICA

Um estudo diacrônico cuida da “memória, história e cultura; conceitos que, infelizmente, parte da sociedade de nosso País insiste em ignorar e, em alguns casos mais extremos, combater, esquecer e negar” (SILVA; NETO, 2020, p.7). Desta forma, A diacronia refere-se ao estudo da língua e suas mudanças que ocorrem na língua em diferentes momentos/períodos (TIMBANE, 2013), ou melhor, é “estudar a língua do ponto de vista diacrônico, como bem se sabe, é estudar o seu processo de evolução e as transformações pelas quais ela passa no decorrer do tempo, e, além disso, a causa desses fenômenos” (SILVA; NETO, 2020, p.7). Aponta as mudanças que ocorrem naturalmente no tempo e no espaço. Esse tipo de variação ocorre num determinado espaço e tempo. Timbane (2013) explicou a variação diacrônica como sendo

a comparação das diferentes etapas da história de uma língua, quer dizer, aquela que se dá através do tempo comparando gerações. É através do estudo da variação diacrônica que percebemos que a língua que falamos hoje é resultado de processos de longos anos ou épocas diferentes. Em muitas pesquisas, o estudo da variação e da mudança se faz com a observação da fala e de textos escritos antigos. (TIMBANE, 2013, p. 103)

Existe uma longa história da língua portuguesa desde seu surgimento, portanto, se olharmos por cada etapa dessa história vamos ver que existem variações na língua portuguesa nos diferentes espaços geográficos por onde passaram os portugueses. De acordo com Ilari e Basso,

Todas as línguas estão sujeitas à variação diacrônica[...] Já vimos que as línguas têm uma história externa (que diz respeito à maneira como evoluem ao longo do tempo em suas funções sociais e em relações com determinada comunidade linguística) e uma história interna (que diz respeito às mudanças que vão ocorrendo em sua gramática-fonologia, morfologia, sintaxe-e em seu léxico). [...] tudo isso deve ter dado ideia de que a variação diacrônica das línguas se dá sempre num espaço de séculos. (ILARI; BASSO, 2006, P.152, parênteses dos autores).

**Variação diacrônica:** é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. As línguas mudam com o tempo [...] e o estudo das diferentes etapas da mudança é grande interesse para os linguistas. (BAGNO, 2007, p. 47).

### 3.5 A VARIAÇÃO DIATÓPICA

Refere-se às mudanças que ocorrem na língua em diferentes estados ou países que adotam a mesma língua materna (WITKOWSKI, 2013), Da mesma forma, Coelho et.al. (2015) mostraram que a variação diatópica ou regional “é responsável para podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala”. (COELHO, et.al., 2015, p. 38). É com ela que facilmente identificamos a origem geográfica do falante. Estudos de Santos e Timbane (2020) explicam que a identidade

é o conjunto de significações que são atribuídas pelo sujeito através da sua experiência diante das situações que se inscrevem em sua vida, já que se faz necessário no processo identitário a coesão entre meio sujeito, passado/presente e entre o ‘eu’ e o ‘outro’. (p.43)

O baiano é rapidamente reconhecido justamente pelo sotaque, pelas escolhas lexicais e morfossintáticas para além da semântica e a pragmática utilizados durante a comunicação. Da mesma forma, o moçambicano, o cabo verdiano, os timorenses são identificados justamente pelos traços linguísticos característicos dos grupos linguísticos a que pertencem.

Se uma pessoa de outra região está a falar vai ser reconhecido pela forma como fala as melodias que usa e os léxicos que vai usar. Da mesma forma as autoras mostraram que:

A fala, assim como vestimenta e outros hábitos culturais, que são elementos importantes na identificação do povo de determinado lugar. A variação regional pode ser estudada ao se oporem diferentes tipos de unidades: existe variação regional entre Brasil e Portugal dois países, a variação regional está associada, algumas vezes, à etnia colonizadora de uma comunidade. Isso ocorre porque a língua do povo colonizador acaba influenciando a língua da região colonizada. Da mesma maneira a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características dos falantes. (COELHO, et.al, 2015, p. 38-39).

Sabemos que tem países que adotam uma determinada língua como a língua materna para devidos usos, como é caso da língua portuguesa que é oficial para todos os países da CPLP. **Varição diatópica:** é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de **lugares diferentes**, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc. (BAGNO, 2007, p. 46). Brasil e Portugal têm maior número dos falantes do português como língua materna. Na Guiné-Bissau, a língua portuguesa não é língua materna da maioria da população por isso é considerado a segunda ou terceira língua dos guineenses.

A língua mais falada entre os guineenses, especialmente na capital é o guineense (kriol ou crioulo) que é uma língua de origem africana, de base lexical portuguesa e base gramatical de línguas africanas, nascida em contextos sociolinguísticos e históricos bem precisos (MANUEL; TIMBANE, 2018). Os falantes de português localizam nas grandes cidades e em escolas ou profissionais de instituições públicas.

### 3.6 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA

Está relacionada às variações linguísticas encontradas nas diferentes camadas da sociedade (WITKOWSKI 2013), ou podemos considerar essa variação como uma variação social, porque temos camadas diferentes nas nossas sociedades, temos a classe baixa, média e alta, também temos pessoas escolarizadas e a não escolarizadas. Toda vez que vamos fazer uma observação

nas falas dessas pessoas sempre vamos encontrar diferença no modo de falar dessas camadas nas nossas sociedades.

Labov (2008) desenvolveu um estudo para analisar diferenças em relação ao uso de (p-1) total ou parcial na fala dos vendedores dessas lojas, nas quais esse uso correspondeu a 62% na Saks, considerada uma loja de status superior, 51% na Macks (status médio) e 21% na Kleins (status inferior). No comentário de Passos, Campelo e Cardoso com relação ao capítulo estratificação social do ® nas lojas de departamentos na cidade de Nova York ficou claro que “Há uma diferença também concernente ao uso de (p-1) na Saks entre os andares superiores e o térreo, esse último ganha na ausência do (p), o uso da consoante prevalece nos andares superiores, considerados mais sofisticados” (PASSOS; CAMPELO; CARDOSO; 2017, p.528).

Os escolarizados sempre falam diferente dos não escolarizados, assim acontece com os de classes baixa, média e classe alta. Uma pessoa com idade de 40 ou 50 anos ele não fala como alguém de 18 a 30 anos, existe uma forma de falar diferente, os vocabulários que as pessoas de 40 para frente vão usar será diferente dos que de 18 a 30 vão usar. Porém, a variação existe em toda fase da vida humana. Essa variação é dividida em quatros estilos, ou tem outros condicionadores linguísticos sexo/gênero, faixa-etária, grau de escolaridade e nível socioeconômico como mostra Coelho, et.al (2015).

Ilari e Basso afirmam que a variação diastrática é: “ ([...] o tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população). Referida às vezes como “português subpadrão” ou “português sub-standard”, a variedade de português falado pela população menos escolarizada” (ILARI; BASSO, 2006, p. 175. Parênteses do autor). **Variação diastrática:** é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes **classes sociais**. (BAGNO, 2007, p. 46). Portanto, podemos notar que as pessoas escolarizadas falam de forma diferente das pessoas não escolarizadas, essa situação é percebida no ato da fala dos homens nos seus dias após dias, também nas pessoas da classe alta com as da classe baixa falam de forma diferente.

A razão das diferenças sociais se justifica pelas desigualdades sociais. De acordo com a Organização das Nações Unidas o custo diário para uma família de sete membros na Guiné-Bissau é de US\$ 2,35 e a dieta nutritiva custa US\$ 4. Aliás,



é um objetivo da GB reduzir pelo menos à metade a proporção de homens, mulheres e crianças, de todas as idades, que vivem na pobreza, em todas as suas dimensões, de acordo com as definições nacionais até 2030 (ONU, 2023). Pessoas de classe econômica alta possuem oportunidades, têm acesso ao jornal, têm acesso a televisão, tem acesso à literatura. Têm acesso às formas cultas da língua diferentemente da classe mais baixa que não as têm. Essas diferenças podem contribuir para as diferenças linguísticas. As oportunidades que pessoas de classe econômica alta possuem fazem com que usem a norma culta da língua.

### 3.7 VARIAÇÃO DIAMÉSICA

O foco do estudo está na diferença entre língua falada e escrita. Esse tipo de estudo o foco está mais na língua falada e escrita. Não escrevemos tal como falamos. A escrita é artificial e não representa a fala. A fala e a escrita são duas modalidades da língua. De acordo com Cagliari (2009, p.16)

todo o falante nativo usa sua língua conforme as regras próprias de seu dialeto, espelho da comunidade linguística a que está ligado. Naturalmente, há diferenças entre o modo de falar de um dialeto e o de outro, mas isso não significa que um dialeto dispõe de regras e outro não.

A escrita é controlada pela ortografia e ela é complexa por ser artificial e não contar com a presença física do interlocutor. No ato de escrever, de acordo com Faraco (2012, p.49) "... é preciso, por exemplo, preencher essa ausência por uma imagem do interlocutor. Escreve-se para alguém ler e é preciso, então, definir quem será o interlocutor..." A relevância ortografia é de neutralizar a variação linguística. Podemos ter sotaques diferentes, mas devemos escrever da mesma forma. A escrita sendo uma lei tem o certo e o errado. Por exemplo, existe uma só possibilidade de escrever a palavra tia (T – I – A). Escreve-se com estas três letrinhas. Não tem outra possibilidade, mas as pronúncias podem fazer a depender da variedade em que as pessoas usam.

Para Bagno (2007) **Variação diamésica**: é a que se verifica na comparação entre a **língua falada e a língua escrita**. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual. (BAGNO, 2007, p. 46). Os autores Ilari e Basso, comentaram que existe diferença entre língua falada e língua escrita e, eles

mostraram ainda que as tradições escolares fizeram com que as pessoas se preocupem mais com escrita e dão menos atenção à fala, por essa razão muitas pessoas pensam que falam da mesma forma que escrevem. (ILARI; BASSO, 2006). A fala não tem o mesmo valor com a escrita, nas salas de aulas é trabalhada mais a escrita que a oralidade, isso mostra que, o valor dado a fala dentro da academia é diferente do valor da escrita.

Por exemplo, em algumas sociedades africanas a oralidade tem mais valor, porque antes da invasão dos colonizadores a África, a educação era transmitida de uma forma oral. Esse cenário se mudou só depois da implementação do modelo europeia na África. Mas, as sociedades menos letradas ainda valorizam a fala mais de que a escrita. Ainda os autores dão seguintes exemplos da fala e escrita brasileira: “né”, “ocêis”, “disséro” e “téquinico” mostraram que eles pensaram que disseram “não é”, “vocês”, “disseram” e “ técnico”. Esses exemplos trazidos pelos autores Ilari e Basso (2006) mostram como as pessoas confundem a escrita e a fala. A variação diamésica pode ajudar nos estudos desse tipo de pesquisa na Guiné-Bissau, para compreender a diferença entre língua falada e a língua escrita, como o português não é a língua materna de muitos guineenses, é necessário estudar a diferença entre língua escrita e falada como se dá na Guiné-Bissau.

## 4 CAPÍTULO III: PROCESSOS NEOLÓGICOS E A NEOLOGICIDADE

Nesse capítulo, vamos discutir sobre os estudos lexicais, ou o léxico da língua. Abordaremos as suas formas de entrada dentro de uma língua e como é visto. Por outro lado, abordaremos as questões de vocabulário e semântica que são fatores muito fundamentais para o presente estudo.

### 4.1 O LÉXICO, O VOCABULÁRIO E A SEMÂNTICA

#### 4.1.1 Léxico

O léxico possui várias definições devido a sua complexidade e de acordo com o ponto de vista de cada autor. A **lexicologia** é a ciência que dedica ao estudo do léxico. A **lexicografia** é a ciência que se dedica ao estudo da organização e produção de dicionários. As duas ciências mencionadas para estudo de léxico, são de grande importância. A lexicologia tem como objeto o estudo e análise do acervo das palavras, categorização lexical e a estruturação do léxico, e a lexicografia é ciência dos dicionários (BIDERMAN, 2001).

Os estudos lexicais de uma língua são muito importantes para uma sociedade como a Guiné-Bissau, um país com diferentes línguas além do português que é língua oficial, portanto é necessário fazer o estudo do léxico do português falado pelos guineenses. Santos e Timbane (2020) explicaram os três mecanismos da criatividade lexical, o primeiro são os mecanismos que são as “regras possíveis dentro da língua”, cada língua tem a sua regra estabelecida pelos falantes.

O segundo aspecto é atribuição de “valores semântico”, as palavras ou as orações são atribuídos um significado semântico dependendo da comunidade linguística e a terceira e última são os “empréstimos”, as línguas como sendo dinâmica, os seus falantes às vezes emprestam palavras de outras línguas para adicionar às suas línguas. Iniciamos este estudo definindo o que é léxico de uma língua. De acordo com estudo de Antunes (2012), o **léxico** de uma língua “pode ser visto como o amplo repertório de palavra de uma língua. Ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p.27). Em cada comunidade linguística existe a necessidade de

comunicar, portanto o léxico ajuda na construção de palavras para poder atender as necessidades nas comunidades.

Os falantes de uma determinada língua usam ferramentas da língua de acordo com o local para poder se comunicar. É difícil encontrar uma pessoa que domina todo léxico que uma determinada língua possui, tendo em conta a sua amplitude que torna difícil para um falante conseguir ter o seu domínio. Os falantes sempre criam e continuam a criar o léxico das suas línguas. Biderman (2001) mostra como o homem desenvolveu estratégia de associar palavras com conceitos. Ao nomear qualquer que seja objeto, animais, ou seja, qualquer elemento que pertence ao seu mundo, o falante tem o seu conceito, quer dizer, ele relaciona o nome conforme o seu mundo, por isso, existe essa necessidade de criar para poder comunicar.

Às vezes, pode existir léxico comum para as comunidades que falam a mesma língua, assim também existe léxico particular para cada país, existem cerca de (09) nove países que têm o português como a língua oficial, Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde, Portugal, Timor-Leste e Guiné-Equatorial. Cada um desses países tem um nome para as suas variedades, temos moçambicanismos, angolanismos, brasileirismo, “guinébissauismo”, etc. para esse estudo utilizarmos a palavra “guinébissauismos”. Para o português guineense, entendemos que como existem outras variedades com esse sufixo-**ismo**, pode dar o mesmo ao português guineense que são expressões usadas na Guiné-Bissau.

O léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização. (BIDERMAN, 1996, p. 34).

O léxico pode ser comum para duas comunidades que falam a mesma língua, mas o significado às vezes pode ser diferente, ou melhor, temos léxico diferentes, mas o significado pode ser mesmo. Por exemplo, o que significa **sandália, malagueta, bicha, rapariga, garota** essas palavras para brasileiros tem um significado e para guineenses tem outro, portanto podemos ver que é o mesmo léxico, mas com sentido diferente.

**Quadro 6** - Variações léxico semântico

Português guineense	Português brasileiro
Malagueta/piripiri	Pimenta
Bicha	Fila
Calções/tchacual	Bermuda
Boxer	Cueca
Sandália	Chinelo

Fonte: Dados da pesquisa

No quadro anterior podemos ver a diferença lexical e semântica do PG e PB. A forma de nomear algo dos guineenses é diferente dos brasileiros e dos europeus. Fafina (2011) mostra que a língua portuguesa levada para a Guiné-Bissau sofreu as alterações ao longo dos tempos por estar num território que não é dos portugueses. Portanto, o português na Guiné-Bissau tem outra estrutura tendo em conta aspecto cultural e a formação social dos guineenses.

Esses aspetos de significado do léxico têm a ver com a semântica que vamos estudar mais à frente. Voltando para o assunto do léxico, ainda temos alguns exemplos que ocorrem no português guineense e português brasileiro. Por exemplo: “**mandioca**”, essa palavra ocorre no Brasil assim como em todos os países lusófonos. No Brasil, ocorrem ainda outras variedades que não ocorrem nesses países da CPLP, “**aipim**” e “**macaxeira**”, esses nomes são usados em alguns estados brasileiros, mas tem o mesmo significado com a mandioca.

Não existe léxico estável numa língua, mas ele varia como mostrou Biderman “as categorias léxicas variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos de categorias”. (BIDERMAN, 2001, p.14). As formas como nós usamos a linguagem, como pronunciamos as palavras e curvas melódicas das nossas entoações faz com que as pessoas nos reconheçam nas sociedades onde vivemos por pessoas de outras nacionalidades diferentes, mas com o mesmo idioma. (ANTUNES, 2012). Um guineense que fala português ao chegar a Portugal ou no Brasil, é fácil as pessoas descobrirem que não pertence aquela comunidade através da sua pronuncia e uso de algumas palavras, e vice-versa pode acontecer também com brasileiros e portugueses ao chegarem à Bissau.

Com esses fatores podemos dizer que o léxico e a cultura têm uma ligação, e é através dessa ligação que faz com que as pessoas percebam que somos de comunidade diferente, mas com a mesma língua e algumas palavras diferentes. A cultura influência na mudança do léxico que nós usamos mesmo pelos falantes do

mesmo país como é caso do Brasil, que tem número maior de estados e em cada um desses estados usam-se alguns léxicos diferentes do outro estado, tendo em conta, a cultura ou o mundo que lhes rodeia.

As culturas de acordo com Godoy e Santos (2014, p.37) “são organizadas por meio de sistemas ou códigos de significação, que dão sentido às nossas e às demais ações. Em virtude disso, qualquer que seja a ação ou prática social, ela é cultural, pois expressa ou comunica significados e, por isso, é prática de significação”. Portanto, o conceito de lexicultura que é junção de dois conceitos que são: léxico e cultura. Timbane (2014, p. 46) entende a lexicultura como

o conjunto de itens lexicais que caracterizam e especificam uma determinada comunidade linguística. [...], quando um falante pronuncia uma determinada palavra, nós o identificamos como membro pertencente ao grupo “X” ou “Y”. [...] a lexicultura seria a identidade lexical de um indivíduo ou uma comunidade linguística.

A partir dessa perspectiva, entendemos que existe variação do léxico do português falado nos países que fazem parte da CPLP, e todos esses países, cada um possui uma cultura diferente do outro e essa diferença cultural contribui para a variação do léxico. O léxico não pode ser separado da cultura, uma vez que eles dependem uns dos outros. Em Bissau o meio de transporte urbano que é usado pelos moradores da capital é chamado de **toca-toca**<sup>1</sup>, o meio de transporte com esse nome só existe em na Guiné-Bissau, em outros países os transportes como esse são chamados de outras formas “chapa 100” (Moçambique), “van”/ “topi” “pau de arara” (Brasil). Todo esse léxico usado para nomear esse meio de transporte, tem a ver com a cultura de cada povo.

Como mostra Timbane (2014), existem léxicos gerais e léxicos específicos, chamamos os gerais aqueles que ocorrem em todo espaço lusófono e específico são aqueles que pertencem uma comunidade específica. Os que ocorrem no geral são fáceis de reconhecer como **mesa, carro, cama, casa**, entre outros e enquanto os específicos são de determinados países **candja**<sup>2</sup>, **bombolom**<sup>3</sup>, **“poilão**<sup>4</sup>, **bambaram**<sup>5</sup> etc. são alguns léxicos específicos que existem na Guiné-Bissau,

---

<sup>1</sup> Meio de transporte urbano na Guiné-Bissau.

<sup>2</sup> Quiabo

<sup>3</sup> Instrumento musical usada para passar informações e para as pessoas dançar no toca-choro

<sup>4</sup> Arvore grande que algumas pessoas usam para fazer os seus rituais religiosos

<sup>5</sup> Pano que as mulheres embalam as crianças nas costas para puderem deslocar.

também cada país tem seus léxicos específicos. Nos próximos capítulos vamos falar mais do léxico do português guineense.

Ainda falando do léxico como conjunto de palavras, Vilela tenta explicar o léxico como o meio que permite comunicação entre membros da comunidade. Segundo Vilela (1997, p.31) o **léxico** é “conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si”. Os homens criam a língua ou inventam as palavras de acordo com as suas realidades e as suas culturas. Se o léxico é o conjunto das palavras que permite membros de uma comunidade linguística comunicar, então podemos dizer que as comunidades linguísticas vão ter léxico que lhes diferenciam das outras comunidades.

De acordo com as explicações de Antunes (2012) entendemos que o léxico varia de comunidade linguística para comunidade linguística, nem todos falam da mesma forma, por isso, é fácil reconhecer uma pessoa através da sua forma de falar. É nessa ótica que nós afirmamos que existem léxicos diferentes para cada comunidade linguística, portanto, não podemos negar existência das outras variedades, ou negar um léxico só porque não está no dicionário.

Nem todas as palavras usadas nas comunidades estão dicionarizadas, às vezes, não vamos encontrar algumas palavras nos dicionários já elaborados. O português falado na Guiné-Bissau ainda não possui um dicionário escrito para seus falantes, os dicionários usados para as consultas nas escolas da Guiné-Bissau são do português europeu, ou do português brasileiro e esses dicionários não atendem as necessidades do português falado na Guiné-Bissau. É preciso elaborar um dicionário que vai ao encontro dessa realidade e que vai incluir o léxico específico do português guineense.

#### **4.1.2 Vocabulário**

O estudo de vocabulário é fundamental para nós neste trabalho, como estamos a falar do léxico de uma língua, achamos por bem discutir um pouco sobre vocabulário de uma língua. Precisamos distinguir o vocabulário do léxico, que são diferentes, todos são elementos de uma língua, precisamos de um para podemos ter o outro. Vilela (1997), diferencia o léxico do vocabulário, o autor concorda com a ideia de que o vocabulário tem lugar e o tempo determinado que seja ocupado por

uma comunidade linguística. E esse mesmo vocabulário difere do léxico porque o léxico é aberto.

Correia e Almeida (2012) definem o vocabulário como vocábulo atestado dentro dum registro linguístico ou que pode ser palavras fechadas que ocorrem naquele discurso. Por isso, não é igual ao léxico, que é amplo. Uma pessoa pode ter domínio de um vocabulário em certas áreas do saber, não em todas. O vocabulário é recorte do léxico. Todas as pessoas possuem certo vocabulário para poder comunicar, podem aumentar o seu vocabulário com surgimento de novos léxicos na comunidade ou na área do conhecimento a que se dedica.

De acordo com estudo de Biderman (1996) “vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades” (BIDERMAN, 1996, p.32). É difícil comunicar em uma língua se não conhecemos o léxico que pertencem àquela língua, pois o léxico nos ajuda a comunicar. Primeiramente, todos os falantes precisam conhecer o léxico da língua que eles vão apreender para depois comunicar com pessoas que falam aquela língua, se chegarmos numa comunidade que fala uma língua diferente da nossa, vamos ter que aprender algum léxico que eles usam para se comunicar.

O vocabulário é muito fundamental, nos livros podemos perceber o vocabulário de alguns autores que eles usam nos seus livros. A escola hoje em dia se preocupa mais com o ensino da gramática que o de léxico e do vocabulário. Portanto, a ideia de Vilela (1997) é muito interessante a sua visão sobre o vocabulário; importa referir que existem vocabulários pertencentes a cada indivíduo.

#### **4.1.3 Semântica**

A semântica é uma subárea da linguística muito importante que lida com os significados do léxico. De acordo com Cançado, “é o ramo da linguística voltado para a investigação do significado das sentenças” (CANÇADO, 2005, p.16). A semântica se torna relevante porque não basta conhecer a palavra. É necessário saber os sentidos que ela carrega quando está isolada ou quando está inserida numa frase. Uma palavra pode possuir vários significados. Nos estudos semânticos se estuda a sinonímia (semelhança entre vocábulos), a antonímia (é a seleção de expressões linguísticas com traços semânticos opostos), a parônimo (são palavras

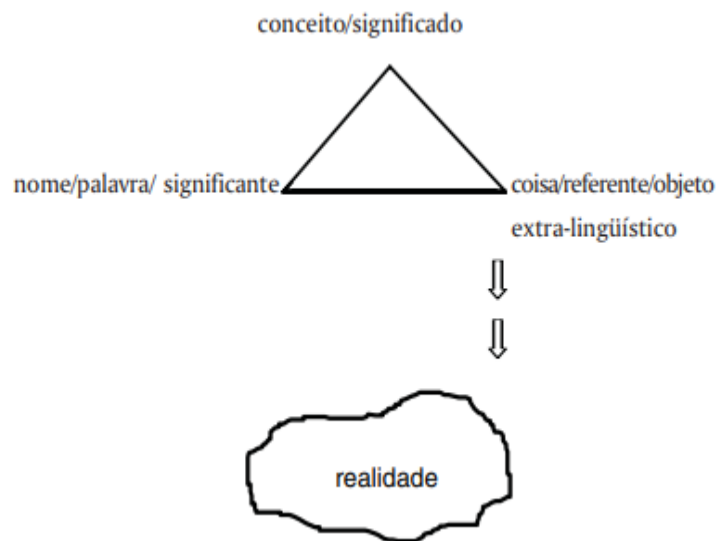


parecidas na grafia ou na pronúncia, mas com significados diferentes), os homônimos (palavras que podem ter a mesma pronúncia ou grafia, mas significados diferentes), a polissemia (capacidade que a palavra tem de assumir vários significados em contextos diferentes), a denotação (sentido real, dicionarizado) e a conotação (sentido figurado).

Através dele podemos entender o sentido das palavras que nós temos dentro da língua, a semântica é a parte da gramática que nos orienta para termos esse tipo de conhecimento das palavras, portanto o seu estudo é muito importante para nós. O estudo semântico permite fazer interpretações das palavras dependendo do caso. Ainda, podemos definir a semântica como “estudo do significado de palavras e da interpretação de frases. O significado pode variar segundo variáveis: linguísticas, geográficas e sociais. Por exemplo, uma única palavra pode ter significados diferentes em duas comunidades linguísticas.” (TIMBANE, 2013, p.98).

Podemos considerar seguintes exemplos sobre uma mesma palavra usada em comunidade de línguas diferentes o caso da palavra “bala” no Brasil tem dois significados enquanto na Guiné-Bissau a palavra “bala” tem significado diferente do segundo significado utilizado no Brasil. A palavra **rapariga** também, em alguma parte do Brasil tem outro significado diferente das outras variedades, também a palavra **pimenta** o seu significado no Brasil é diferente com o de português guineense. Podemos notar uma variação semântica neste caso, mas não só neste caso, ainda existem várias variações semânticas entre a língua portuguesa falada nos países da língua oficial portuguesa.

De acordo com Biderman (1998, p.116) há um triângulo importante na formação do sentido. Os vértices do triângulo são compostos por: conceito/significa, nome/palavra/significante e finalmente a coisa/referente/objeto extralinguístico. De acordo com Biderman no vértice do nome aparecem como parassinônimos: significante e imagem acústica, conceitos esses já definidos por Saussure. De acordo com Biderman (1998, p.115) “no segundo vértice do triângulo indica significado/conceito e no terceiro vértice: realidade/coisa. Também me parece que Eco contribuiu para a interpretação do conjunto ao invocar a unidade cultural.” O esquema a seguir representa essa explicação:



Fonte: Biderman (1998, p.116)

A realidade destacada na parte final do esquema só faz sentido quando inserida num contexto sociocultural. Cada cultura atribui significados a depender da cultura e da visão do mundo. De acordo com White (2009, apud GODOY, SANTOS, 2014, p.23)

o discurso articulado é um recurso extremamente poderoso naquilo que diz respeito à criação, ordenação e regulação de sistemas de parentescos, sistemas políticos e econômicos. Esse discurso articulado é fruto da simbolização. A linguagem, neste contexto, possibilita acumular e transmitir o conhecimento, que, por meio da simbolização e do discurso articulado, cria organizações sociais, instituições econômicas, aperfeiçoa constantemente o uso de ferramentas e forma tradições de conhecimentos e de crenças.

Os mitos, os tabus são estudantes e fazem sentido no seio de uma cultura. Para Biderman (1998, p.85) as culturas são desempenhos históricos das comunidades humanas. E as culturas são tão diferentes porque a palavra pode falar e ser falada de diversas maneiras, em linguagem e línguas diversas. Por isso que é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem.

As palavras do português guineense podem apresentar significados próprios do contexto da GB. Por exemplo, as palavras *homem-garande* (ancião), *moransa* (significa pequena aldeia), *bolanha* (significa arrozal), *badadji* (comida cozido com água e sal acompanhado de alguns ingredientes), *poilão* (árvore grande típica),

*spera* (vestuário que as mulheres usam), *lopé* (vestuário tradicional que os homens usam), *faroba* (arvore típica), *madronha* (erva medicinal), *kanafistra* (erva medicinal), *blungudjbá* (erva medicinal), *badódós* (erva medicinal), *nhominka* (grupo dos pescadores), *prehada* (grávida), *malgos* (amargo), *baloba* (local sagrado dos animistas) (CABI, TIMBANE, 2022, p.268), são palavras próprias do português guineense e são sobejamente conhecidas pelos falantes da variedade guineense do português. Estas palavras não são estranhas para os guineenses. Fazem parte dos usos cotidianos da comunidade de fala. De acordo com Biderman,

Os critérios de classificação usados para classificar os objetos são muito diferenciados e variados. Às vezes, o critério é o uso que o homem faz de um dado objeto; às vezes, é um determinado aspecto do objeto que fundamenta a classificação; às vezes, é um determinado aspecto emocional que um objeto pode provocar em quem o vê, e assim por diante. (BIDERMAN, 1998, p.89).

#### 4.2 RELAÇÕES ENTRE O LÉXICO E GRAMÁTICA

De acordo com Namone (2021), no sistema do ensino guineense, a LP é ensinada como língua materna, o que ao nosso ver não ajuda e não corresponde a verdade porque os alunos têm o crioulo como língua materna, especialmente na cidade de Bissau nosso lugar de pesquisa. Nesse contexto, o aluno estuda LP até a nona classe, mas, não sabe falar português na comunicação formal ou pelo menos a gramática normativa exigida pela escola. O aluno faz um percurso de nove anos ouvindo a LP sem conseguir falar a mesma porque a gramática ensinada é distante da realidade da criança. Sabe-se que a gramática normativa esta maquiada, é artificial. Por isso “o ensino de língua portuguesa é desenvolvido por processos didáticos que se assentam na repetição e na memorização”. (NAMONE, 2021, p.51).

Segundo Torto (2006) léxico e gramática “são como que duas faces da mesma realidade, contribuindo de forma complementar para a chamada competência léxico gramatical dos falantes”. (RIO-TORTO, 2006, p.1) portanto, o léxico e a gramática não podem ser separados um do outro ainda, de acordo Torto (2006), mostra como é que léxico e a gramática funcionam:

O Léxico é aqui encarado como uma componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos que os falantes usam como matéria-prima na elaboração de raciocínios e na construção de enunciados verbais. A gramática compila as regras, as condições e as

restrições que presidem ao funcionamento, aos diversos níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico), das unidades sígnicas, consideradas em frase e em texto. (RIO-TORTO, 2006, p.2).

A gramática assim como o léxico, fazem parte da língua. Para a autora “um léxico inclui o conjunto de palavras, ou, em termos mais correntes, o vocabulário da língua em quanto que uma gramática inclui as regras para construir palavras e sentenças da língua”. (ANTUNES, 2007, p.40).

Dessa forma, compreendemos que o léxico abrange conjuntos das palavras de uma língua assim como vocabulário da nossa língua e a gramática tem haver mais com as questões de regras e as construções das sentenças. Na gramática normativa, existem várias regras de uso da língua que é tomada como o padrão para os falantes de qualquer língua que possui esse tipo de gramática escrita.

A gramática (documento impreso/digital) orienta os falantes e serve de consulta para a norma culta apenas, a para norma-padrão. Ela é uma lei a ser seguido pelos falantes em condições específicas de comunicação como na escola, na atuação profissional. No ensino da língua, a gramática não deve ser ensinada de uma só forma. Para Vieira (2020), na sua abordagem sobre a concepção da língua e gramática, faz uma comparação de um banquinho de três pernas e mostrou a questão da “sistematicidade”, “interatividade” e “heterogeneidade”, a gramática não pode ser ensinada olhando só para um lado, se for assim o banquinho vai cair e isso mostra que ao ensinar a gramática tem que olhar para todo lado.

#### 4.3 NEOLOGISMOS LÉXICO-SEMÂNTICOS

O neologismo é entendido por Almeida e Correia, como uma unidade lexical que numa certa comunidade linguística é sentida como palavra nova, ou seja, uma palavra que caiu em desuso que é retomada (CORREIA; ALMEIDA, 2012). Essa ideia mostra que neologismo é o surgimento de novas palavras nas comunidades linguísticas ou palavras velhas que deixaram de ser usadas e são retomadas e passam a ser usadas como palavras novas que pode carregar um novo significado. A língua sempre está em constante variação e mudança, por isso, sempre existem palavras novas que são adotadas pelos falantes.

De acordo com Almeida e Correia (2012), neologismo “é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um

funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anteriormente anterior do código da língua”. (CORREIA; ALMEIDA, 2012, p.23).

Portanto, para entender os neologismos léxico-semânticos vamos ter que estudar, ou saber o que é neologismo e o que é neologia. Almeida e Correia (2012), explicaram que a neologia é entendida como denominação que corresponde a dois conceitos distintos, elas ainda mostraram como são esses conceitos distintos da neologia, e disseram que:

a neologia traduz a capacidade natural de renovação do léxico de uma língua pela criação e incorporação de unidades novas, os neologismos [...] é entendida, ainda, como o estudo (observação, registro, descrição e análise) dos neologismos que vão surgindo na língua (CORREIA; ALMEIDA, 2012 p.17).

A partir destas afirmações, entendemos que a neologia não aparece só por aparecer na língua, mas ela ajuda na criação de novas palavras da língua e a fazer crescer o léxico de toda língua viva. Alves (1996) concorda que a neologia se refere a todos os fenômenos novos que atingem uma língua. A autora ainda mostra que neologia acompanha o desenvolvimento do acervo lexical das línguas.

Os neologismos léxico-semânticos ocorrem quase em todas as línguas existentes onde são atribuídos novos significados a palavra já existente, isso acontece quando houver necessidade de ressignificar a palavra (CABI, TIMBANE, 2022). Em forma de exemplo, podemos citar a palavra “militontos” como um neologismo léxico-semântico, palavra usada por muitos ativistas políticos na época das eleições presidências na Guiné-Bissau. No Brasil, surgiu em 2022 a palavra “patriotários” para se referir a um grupo político que reivindicava o resultado das eleições ganhas pelo Presidente Lula. Existe comunidades que recorrem ao neologismo léxico-semântico para poder dar um novo significado à palavra.

A língua portuguesa recebeu empréstimos de outras línguas assim como estrangeirismos. De acordo com Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005, p.37 apud TIMBANE, 2012, p.7), os “estrangeirismos são palavras provenientes de línguas estrangeiras que não estão integradas no léxico do português, sendo empregues na nossa língua”. A LP falada na Guiné-Bissau, não é composta só de vocábulos do português europeu, mas também de outras línguas faladas dentro de território guineense. Exemplos, de acordo com Cá e Timbane (2021, p.145): *bideira*

(mulheres vendedoras em mercados informais que geralmente se encontram nas calçadas (passeio) ao ar livre), *baloba* (local de cerimônias tradicionais), *tabanka* (aldeia habitada por um determinado grupo de pessoas, pode ser pessoas do mesmo grupo étnico ou não), *mandjundadi* (grupo de pessoas, geralmente da mesma faixa etária, que se organizam para suas diversões), *toca-toca* (um tipo de transporte coletivo alternativo mais comum na Guiné-Bissau, que circula em diferentes bairros da capital).

Para Timbane (2012, p.7), “estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas”. E essas palavras das outras línguas podem ser línguas africanas locais, assim como línguas estrangeiras, como é o caso da Guiné-Bissau, ou dos outros países em que a língua portuguesa teve contato com outras línguas das comunidades locais. Exemplos: *impeachment, show, outdoor, personal trainer, shopping, selfservice, shopping, notebook, show, outdoor, light, videogame, marketing, internet* (CÁ, TIMBANE, 2021, p.140).

Timbane (2012) entende que estrangeirismo é a palavra da língua “A” que passa a ser usada na língua “B” onde uma das suas características de origem não foram desvirtuadas, em nível fonológico, semântico ou ortográfico. (TIMBANE, 2012, p.8). Caso ocorre mudança e não for mantido uma dessas características de origem, podemos considerar o vocábulo como sendo um empréstimo. Listamos alguns exemplos de estrangeirismos das línguas africanas que entraram no PG:

**Bantaba-** é um campo onde as pessoas se encontram para divertir ou para realizar trabalhos de lavoura. (**bantaba** é uma palavra de mandinga)

**Selebsonh-** peixe pequeno que é deixado ao fogo até secar para depois ser vendido. (**Selebsonh-** é uma palavra da língua balanta).

**Orik-** divisões feitas em bolanhas<sup>6</sup> para não permitir a entrada das água no arroz ou em qualquer alimento plantado no local. (**orik** é palavra que vem de pepel)

**Silo-diata-** significa caminho gostoso. (**Silo-diata** é a palavra proveniente de mandinga).

Ainda, na formação dos léxicos do PG, podemos encontrar outras palavras estrangeiras vindas de inglês e do francês. Algumas palavras dessas línguas entram na variedade do português guineense devido a necessidade de nomear novos objetos ou novas situações ou contextos. Por exemplo, “pendrive”, “whisky”, “yacht”,

---

<sup>6</sup> Arrozal/ espaço onde se cultiva arroz.

“software”, “tablet”, “site”, “drive”, “hot dog”, “self-service” que são de origem inglesa. Nem todos os estrangeirismos conseguem manter as suas estruturas, ou característica de proveniência, alguns mudam e passam para o empréstimo (TIMBANE, 2012).

Os estrangeirismos e os empréstimos têm grande importância na formação da língua. Os estrangeirismos que entram nas nossas línguas, são palavras estrangeiras que chegam nas nossas línguas quando houver necessidade, uma língua viva não pode escapar dos estrangeirismos tendo em conta as ligações de pessoas de uma comunidade com a outra. E hoje existem ainda mais casos de estrangeirismo nas línguas por causa das redes sócias; o Brasil tem algumas palavras estrangeiras principalmente do inglês em diferentes áreas, no domínio informático existe “delete”, “end”, “HD” e entre outros. Mas, os estrangeirismos não existem só, no português brasileiro ou só na língua portuguesa, também existem no português falado em outros países e em outras línguas.

Os empréstimos linguísticos também fazem parte dos neologismos. As palavras emprestadas às outras línguas às vezes mudam a pronúncia, grafia até o significado pode ser diferente com a da língua de origem. Para Timbane, “empréstimo é a transformação de uma palavra estrangeira para se adaptar à realidade de uma nova língua” (TIMBANE, 2012, p.9). É essa adaptação que a torna ele um empréstimo e não estrangeirismo. Sabemos que os estrangeirismos, toma a forma original da palavra sem as mudanças ou sem nenhuma adaptação. Correia entende que

Os empréstimos são uma realidade no léxico de qualquer língua: as unidades resultantes de empréstimos, lexicais ou outras, aí estão na língua para comprovar a eficiência do processo. Os empréstimos podem ser externos, quando a língua de origem de uma unidade tomada de empréstimo é diferente da língua de acolhimento; internos, quando a língua de partida e de chegada é a mesma, dando-se o empréstimo entre variedades ou registros distintos. Os empréstimos são, pois, uma consequência de situações de contacto entre línguas diferentes, ou entre variedades e registros diferentes da mesma língua. (CORREIA, 2010, p.40)

A partir dessa definição de Correia (2010), constatamos que, existe empréstimos externos e internos na língua. Nesse caso, referindo à variedade do PG podemos encontrar empréstimos externos vindo de outras línguas, porque o seu léxico não é mesmo com o da língua de acolhimento que é o português guineense.

E por outro lado percebemos que, as línguas autóctones da Guiné-Bissau, estão em contato com o português. Uma acaba emprestando a unidade lexical da outra.



## 5 CAPÍTULO IV: METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos a metodologia do trabalho. Na primeira parte da metodologia, abordaremos questões sobre aspectos geopolítico e culturais de Bissau que é espaço que nós escolhemos para a realização da nossa pesquisa. Na segunda parte vamos trazer os caminhos percorridos para chegar ao objetivo.

### 5.1 ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DE BISSAU

Para esse estudo, vamos falar dos aspectos geopolíticos e culturais de Bissau para podermos situar os leitores sobre o espaço onde a nossa pesquisa foi realizada. De acordo com os dados do Instituto Nacional da Estatística (INE) em 2009, o sector autónomo de Bissau tem 77,5km<sup>2</sup>, onde vivem populações de diferentes grupos étnicos. (INE, 2009). Esses dados foram produzidos no último recenseamento geral do país realizado em 2009, para obtenção de dados do país. A maioria da população concentra-se na capital tendo em conta a situação econômica do país. Algumas pessoas saem das zonas rurais para a capital a fim de conseguir emprego ou estudar, e algumas voltam e outros não. Tudo isso se deve ao fato de o poder e a economia do país se concentrarem só na capital.

Em 1941, a capital foi transferida de Bolama para Bissau. A partir dessa data, Bissau se tornou a capital do país. O primeiro liceu nacional Honório Barreto, o atual Kwame Nkrumah foi criado em 1958, em Bissau. Em 1959 houve massacre de pindjiguite onde foram fuzilados 50 trabalhadores (estivadores) que reivindicavam a condição do trabalho. Nos finais do século XX, houve uma revolta militar em 1998, que destruí várias infraestruturas e casas. Também obrigaram a população a abandonar a capital para o interior do país para se esconder da guerra que estava acontecendo na capital. (COUTO; EMBALÓ, 2010). O comércio foi desenvolvido na Guiné-Bissau desde a chegada dos colonizadores à Bissau antes de se tornar capital.

Bissau é formado por 34 bairros, tal como se pode observar no mapa 2: São Paulo, Coco-Plubá, Empantcha, Madina, Bairro Militar, Missira, Quelele, Cuntum, Alto Crim, Chão de Pepel, Brá, Luanda, Pefine, Amedalai, Santa Luzia; Cupilon de Baixo, Háfia, Plack II, Antula, Antula Bono, Plack I, Santa Clara, Bissak Rossio, Calequir,



animistas correspondem a 7,9% das populações de Bissau. Também existem pessoas sem religião que correspondem a um total de 3,3% (INE, 2009). De acordo com os dados geral do país do último recenseamento realizada em 2009, mostra que, os grupos mandingas, fulas, a maiorias deles praticam a religião muçulmana, e Balantas, Mancanhes praticam a religião cristã e animista.

Existem diversidades culturais em Bissau como religiosas e não religiosa. Algumas manifestações culturais religiosas são procissão da Imaculada Conceição, Nossa senhora de Candelária, essas festas são organizadas pela diocese de Bissau. Também temos o Ramadão, Natal e Carnaval. São as festas culturais importantes em Bissau. O carnaval é uma das maiores celebrações culturais na Guiné-Bissau o toca-choro “toka tchur” é bem visível no capital esse rito é realizado por um certo grupo étnicos em Bissau. Também se encontram diferentes grupos de mandjuandadis em Bissau em alguns bairros que organizam as danças de tina e gumbé com vestuários tradicionais guineense como a marca da identidade. Além dos grupos de mandjuandadi, existem os grupos teatrais nos quais se destacam Netos de Bandé e Balet nacional.

Para pratica de desporto, Bissau possui dois maiores estádios do país para prática e desporto Lino Correia e Estádio Nacional 24 de setembro. E tem alguns centros culturais com Centro Cultural Francês, Centro Cultural Português e Centro Cultural Brasileiro que promovem atividades culturais no capital.

### 5.3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para Marconi e Lakatos (2015), “a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. (MARCONI; LAKATOS, 2015, p.43). Por outro lado, Marconi e Lakatos mostraram que a pesquisa é muito mais do que procurar a verdade, mas é encontrar as respostas para questões propostas utilizando os métodos científicos (MARCONI; LAKATOS, 2015). Sabemos que toda a pesquisa científica sempre tem uma pergunta que induz o investigador a fazer pesquisa.

No trabalho procuramos analisar a variação léxico-semântico do português guineense. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, uma vez que analisa fenômenos

a partir de dados numéricos que buscam compreender como um determinado fenômeno se comporta. A pesquisa quantitativa é estatística porque trabalha com quantidades e visa gerar medidas precisas garantindo a precisão dos resultados. Para além disso, a pesquisa quantitativa procura ser mais objetiva e clara, porque chega à conclusão devido às comparações de dados. Para concretizar o objetivo usamos como suporte livros, teses, artigos, dissertações e outros materiais de consulta.

Para Cervo, Bervian e Silva (2007), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas. Portanto, utilizamos essas referências publicadas para pudermos discutir as teorias porque é preciso estudar um pouco sobre o tema escolhido através dos autores que falaram sobre o assunto. Ainda para Cervo (2007), a pesquisa bibliográfica é feita para recolher informações e ter os conhecimentos prévios acerca de um problema levantada. (CERVO, BERVIAN e SILVA, 2007). Portanto, entendemos que a pesquisa bibliográfica é muito fundamental para qualquer que seja trabalho acadêmico. Para Gil (2002), “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla o que poderia pesquisar diretamente.” (GIL,2002, p.45). O instrumento de coleta de dados é a entrevista. Vejamos a seguir a descrição metodológica desse instrumento de coleta:

#### 5.4 FASES DA ENTREVISTA

A nossa entrevista foi dividida em três fases, com a duração de dois meses e nesses meses entrevistamos um grupo de pessoas de idades diferentes, sexos diferentes e com níveis de escolaridade distintos. A pesquisa visou entrevistar vinte e dois (22) informantes de 18 a 41 anos que moraram na cidade de Bissau nos últimos 5 anos. A amostra sociolinguística, de acordo com Freitag (2011, p.44) “deve ser representativa de um determinado grupo, denominado “comunidade de fala”. Entendemos que amostra é representativa de acordo com a delimitação da pesquisa.

A entrevista tinha como objetivo compreender as variedades léxico-semântico do português falado pelos guineenses e descobrir os elementos culturais, da

variação e do léxico de português guineense. Para esse trabalho, utilizamos gravador de celular para registrar os fenômenos em estudo. As entrevistas foram feitas pelo whatsapp nos diferentes bairros de Bissau e no Brasil no estado de Ceará e da Bahia.

Na coleta, entrevistamos quatro (4) pessoas de 25 a 41 anos 01 homens e 03 mulheres. Seguidamente, entrevistamos 18 pessoas de 20 anos a 27 anos de idade. (09 mulheres 09 homens). A pesquisa não foi submetida a Comissão de Ética da UNILAB porque as Leis Brasileiras (Plataforma Brasil) não teriam como ser aplicados em contexto de outro país. Tivemos autorização dos informantes para realizar as entrevistas. Cada informante autorizou por meio de um Termo de Consentimento Livre Esclarecido. As entrevistas tiveram a duração em média de 12 a 20 minutos. O tempo da entrevista variou de informante para informante. A entrevista foi composta de nove (9) perguntas todas do tipo aberto para permitir que os informantes comentem e busquem exemplos que esclarecem o fenômeno em estudo.

Entrevistamos pessoas de níveis sociais e acadêmicos diferente, ou seja, entrevistamos estudantes universitários (21), e uma pessoa que não concluiu o ensino básico. A maioria dos entrevistados são estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), alguns já iniciaram a formação nas universidades de Bissau como Universidade Lusófona da Guiné-Bissau (ULGB), Universidade Colinas de Boé (UCB), Universidade Amílcar Cabral (UAC) e Centro De Formação Bissau International Management and Technology School (Bimantecs).

Consideramos que o número de informantes apresentados é representativo visto que a coleta foi feita por meios tecnológicos. A falta de apoio à pesquisa para realizar o trabalho no campo obrigou a mudança do projeto inicial para acomodar a realidade presente. Os entrevistados selecionados puderam oferecer informações essenciais para entender o fenômeno em estudo.

## 6 CAPITULO V: APRESENTAÇÃO DE DADOS DA PESQUISA

Após a coleta de dados, as informações foram analisadas manualmente buscando compreender as contribuições lexicais na variedade guineense do português. Nesta parte apresentaremos as perguntas e faremos as devidas análises por forma a descrever o fenômeno linguístico em estudo. As questões selecionadas não são as únicas que possibilitam encontrar elementos lexicais da variedade do português guineense, mas optamos por escolher tais questões. Para a primeira questão na qual buscamos conhecer os pratos típicos da culinária guineense e, fizemos a seguinte questão: *quais são seus três pratos preferidos na culinária da Guiné-Bissau (comida típica guineense)?* Todos os informantes repetiram o mesmo nome na comida típica da Guiné-Bissau que é “caldo de tchebem”. Alguns desses informantes pronunciaram de formas diferentes: caldo de “chabeu”, caldo de “tchebem”, caldo de “chebem” e caldo de “chabeu”. As variações do sotaque na pronuncia deste caldo se justifica pela variação linguística presente no crioulo, assim como nas línguas bantu guineenses. Para além desse prato, foram citados os seguintes pratos: caldo de **mancara**, **futi**, **djambo**, **sigá**.

Todos os nomes mencionados na primeira questão são típicos da Guiné-Bissau, embora ocorram variações na pronúncia, como apresentamos, mas não mudaria o sentido. Temos como exemplos de uso dessas palavras:

Ex: “eu gosto de caldo de tchebem com...”

Ex: “eu gosto de chebem com...”

Ex: “caldo de chabeu com bagre”

Na segunda questão, tentamos entender *como são preparados, quais ingredientes usados?* A palavra mais citada pelos informantes que não é ingrediente é a palavra **mafé**. No Português da Guiné-Bissau (PGB) esse nome é usado para fazer referência ao molho. Como podemos ver no trecho da fala dos falantes: Ex.1: “*Você tem que deixar o mafé ferver...*”.

E ainda nessa segunda questão, temos o caso de algumas palavras como **pimenta** que é repetida pelos informantes, e essa palavra podemos considerar como uma variação semântica, porque ela não tem o mesmo significado que tem no Brasil. Quando um falante da variedade do Português Guineense (PG) fala **pimenta** para se referir a “pimentão” e não a malagueta. Também encontramos palavras do PGB que aparecem nas falas dos informantes como:

Ex.2: **kuntchurbedja**, **djambo** (pode ser folha de batata, mandioca, **manfafa**, etc.) **djambo** é uma palavra de origem mandinga que significa folhas.

Outras palavras citadas pelos informantes são:

Ex.3: **Suculbembe** (pimenta mais grande) e **djagatu** (é o que os brasileiros chamam de jiló); **netatu**, palavra de origem mandinga **netetuoh** é uma palavra composta **netohi** (significa **faroba**) e **tuoh-resto** (é comida produzida com resto de faroba que passa por uma transformação); **siti** (é óleo de palma ou óleo de dendê) que em Bissau chamam de óleo de palma; **candja** (legume colocado na comida que em outras partes é chamado de quiabo) e **escalada** (é um tipo de peixe conservado com sal para não estragar, ou seja, ela é idêntico ao bacalhau; é provável que pessoas que não falam o PG ao ouvir esse nome podem confundir com o verbo 'escalar'. Estas são algumas das unidades lexicais identificadas na fala dos informantes.

Na terceira pergunta tratamos da questão cultural e fizemos a seguinte pergunta aos entrevistados: *Quais são as danças da cultura guineense que você já viu ou que mais gosta?* Retemos alguns itens lexicais específicos da Guiné-Bissau que são das línguas étnicas e do crioulo guineense como:

Ex.4: **djambadon**: essa palavra é empréstimo da língua mandinga para o crioulo tendo passado de crioulo para o português guineense;

Ex.5: **djidiu**: (pessoas que tocam tambor); **kusunde**: é uma palavra proveniente da língua balanta, as pessoas usam para nomear a dança do mesmo grupo étnico realizada num determinado período;

Ex.6: **brokska**: é um ritmo musical do grupo étnico balanta.

Esses neologismos lexicais são provenientes de diversas línguas africanas. Esse fenômeno resulta do contato entre o PG e as diversas línguas africanas. Essas unidades lexicais são estrangeirismos necessários, uma vez que não existe uma palavra equivalente na língua portuguesa. Esse mecanismo da língua é interessante porque a língua não quer barreiras ou limitações. Em caso de impasse, a língua tem mecanismos próprios para ultrapassar o impedimento lexical. É importante acrescentar que a chegada dos estrangeirismos e empréstimos do PG não perturba a língua. Trata-se de uma contribuição normal e frequente em qualquer língua em uso.

A quarta questão que é complemento da terceira questão sobre a cultura perguntamos o seguinte: *O (a) senhor (a) pode nos informar como esses grupos se*

*veste no momento de dança?* Se refere a vestuários que os guineenses costumam vestir no momento de dança. Por exemplo, o grupo étnico pepel tem um tipo de vestuário para as suas cerimônias, ou seja, todos os grupos étnicos têm suas formas de vestir, portanto as roupas assim como os enfeites que eles usam tem nome. Alguns entrevistados não conseguiram responder essa questão tendo em conta o pouco contato que eles têm com as culturas guineense. Contudo, em Bissau existe diversidade cultural, mas mesmo assim alguns só conseguem ter acesso a essas culturas no carnaval. Temos alguns nomes como:

Ex.7: **Bus**: carcaça de marisco;

Ex.8: **saia bidjugo**: é um estilo de saia que o grupo étnico bidjugo veste, portanto, as pessoas chamam de saia bidjugo),

Ex.9: **tchakual**: bermuda/calções;

Ex.10: **malila**: espécie de liana que as pessoas usam. Na cultura balanta, os ngaiaies usam a malila como um colar no pescoço, nos braços e nos pés.

Ex.11: **banda**: tem significado semântica diferente como o outro sentido de banda musical quando o informante diz seguinte: “*eles usam a banda*” essa banda significa um tipo de vestuário que as pessoas usam para cobrir as partes íntimas.

Das unidades lexicais analisadas nesta parte pode-se observar que o sentido das palavras pode variar de variedade para a variedade. A unidade lexical “banda” por exemplo, ganhou novos significados diferentes daqueles que são conhecidos na lusofonia. Os angolanos, por exemplo, usam a palavra ‘banda’ para se referir ao um lugar em que habitualmente estão. Se um angolano fala: “saí da banda”, está dizendo saí do meu bairro, do meu lugar de origem. Estes exemplos ilustram como as palavras só fazem sentido a depender da variedade em que estivesse falando.

Os exemplos 7, 8, 9 e 10 mostram as interferências das línguas africanas. Entendemos que estas palavras dão do PG e elas devem ser respeitadas porque não existe um único léxico na LP. O PG existe e deve ser respeitado havendo necessidade de criação de dicionários que facilita consulentes guineenses. No exemplo 8, bidjugo é nome de uma etnia. E a saia criada por esses cidadãos é chamada de “saia de bidjugo”. Não tem como traduzir para a LP senão realizarmos estrangeirismos lexicais.

Na quinta questão foi: *As crianças do seu bairro têm muitas brincadeiras, quais são essas brincadeiras?* Os falantes apresentaram nomes de algumas brincadeiras de crianças e de adolescentes em Bissau que tem o nome originários



de outras línguas étnicas e do crioulo guineense e, outros nomes têm o significado semântico diferente. O léxico que nós obtivemos a partir das entrevistas feitas sobre as brincadeiras com esses falantes em Bissau são os seguintes: **malha; bilas; toca palmo; trinta e cinco; surumba surumba; banana e ndule-ndule**. São alguns léxicos emprestados do guineense para o português, são as brincadeiras que ocorrem na capital guineense. Notando que a banana aqui tem um outro sentido diferente daquilo que é conhecido em todos os países lusófonos, que é o de fruta.

Na sexta questão procuramos os léxicos através das frutas existentes em Bissau. *Quais são as frutas que o (a) senhor (a) já viu que são vendidas na cidade?* Consideramos quase nulo nesse primeiro grupo de entrevistados, porque a maioria das frutas que eles chamaram não existe nenhuma variação lexical ou semântica dessas palavras, o que podemos distinguir é a variação fonológica da palavra “**trangelina**” que para os brasileiros se dizem “**tangerina**”. Existem muitas frutas, mas que os falantes não conseguem dizer. Com base nos conhecimentos que temos sobre o país trouxemos alguns nomes das frutas que são típicas como: **miséria, mampatas, tambakumba, mandjendje, azeinha, tifa e manganasia**. Essas frutas são típicas da Guiné-Bissau e os nomes também são das línguas faladas naquele território. Manganasia além de ser fruta comestível também a sua raiz é usada para tratamento de tifoide.

Sétima questão: *quais são os tipos de peixe que o (a) senhor (a) conhece?* Conseguimos obter dos informantes alguns nomes de peixes que existem no mercado guineense e que possuem nome dado pelos guineenses. Temos **djafal; bentana; cimpote; iaiboi; afetere; djoto e bentaninha** são peixes vendidos no mercado e que os nomes não são muito comuns em outros países da comunidade lusófona. Nos nomes de peixes se observa que são provenientes de crioulo e das diversas línguas bantu da GB. Aqui se observa o processo de empréstimos para o PG. Apesar de existir o nome científico, os falantes usam o nome vulgar para identificar esses tipos de peixes.

Na oitava questão fizemos uma questão sobre os medicamentos tradicionais da Guiné-Bissau a pergunta foi o seguinte: *O (a) senhor/a pode nos mencionar nomes dos medicamentos tradicionais que você conhece?* Exploramos um pouco sobre medicamentos tradicionais guineense que as pessoas usam para fazer tratamentos. Os informantes citaram: **nenê badaje** (para dor de dentes, dor de compro etc.); **madronha** (cura dor de bariga); **dutur** (para dor da barriga); **padja**

**santa** (cura a febre); **kanafistra** (limpa rins). Cada um desses medicamentos tradicionais serve para o tratamento específico. Os nomes provêm das línguas faladas na Guiné-Bissau. Aplicamos nove questões para os informantes, mas consideremos a questão nove nula, porque as pessoas acabam explicando as doenças que o medicamento pode curar.

Podemos perceber que o crioulo guineense contribuiu bastante no PG e podemos chamar essa contribuição de um empréstimo lexical. Para Timbane (2013), empréstimo lexical “ocorrem quando os falantes recorrem aos termos da língua materna para preencherem lacunas na LP de certas realidades” (TIMBANE, 2013, p.166). Na realidade guineense, os falantes sempre recorrem as línguas maternas para poder dar conta de certas realidades. Como temos o caso de culinária guineense, danças tradicionais, medicamentos tradicionais, brincadeiras infantis, tipos de peixes, entre outros. Apresentamos nos parágrafos anteriores, alguns nomes de gastronomia guineense, ingredientes usados para fazer esses pratos, medicamentos tradicionais, frutas, etc. No quadro a seguir, apresentamos outros nomes citados pelos entrevistados e que fazem parte do PG:

**Quadro 7** - Unidades lexicais do crioulo para o português

<b>Crioulo/guineense</b>	<b>Português</b>
<i>Mancara</i>	Amendoim
<i>Tchebem</i>	Dendê
<i>Kuntchur-bedja</i>	Marisco
<i>Bentaninha</i>	Estilo de peixe
<i>Nenê badadje</i>	Moringa
<i>Caldo branco</i>	Prato típico guineense
<i>Suculbembe</i>	Malagueta
<i>Djagatu</i>	Jiló
<i>Siti</i>	óleo de palma/ dendê
<i>Bentana</i>	Estilo de peixe de água doce
<i>Netatu</i>	Caroço de faroba seca que passa pela transformação
<i>Siga</i>	Comida feita de candja/ quiabo
<i>Candja</i>	Quiabo
<i>Tabanca</i>	Aldeia
<i>Bilas</i>	Bolinha de gude
<i>Canfurbat</i>	Petisco
<i>Pano de pinte</i>	Pano de pinte
<i>Pó de Sangue</i>	Pau de sangue
<i>Djambacus</i>	Macumbeiro/ curandeiro

Fonte: Dados da pesquisa

Todos os nomes mencionados aqui fazem parte de empréstimos e estrangeirismos das línguas autóctones da Guiné-Bissau. Essas línguas maternas

sempre estão em contato com a língua portuguesa. Mesmo que a língua portuguesa não seja falada com a frequência pelos guineenses no seu dia a dia, ela acaba emprestando palavras de outras línguas.

O quadro 7 ilustra a contribuição permanente das línguas africanas na formação do PG. O PG é diferente do PB ou PE. Isso mostra como a criatividade linguística é um processo pelo qual duas formas ou mais podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional (COELHO, et al., 2015). Esse processo pode ser originado:

- a) Fraco conhecimento da LP;
- b) Seleção das unidades lexicais por questões de identidade;
- c) Seleção de empréstimos 'por luxo' ou 'por necessidade'.

**Quadro 8** - Léxico proveniente das outras línguas étnicas faladas na Guiné-Bissau

<b>Nomes</b>	<b>Língua de origem</b>
Djambadon	mandinga
Brosca	balanta
Kusunde	balanta
Kansare	pepel
Primanpatch	mancanhe
Djambo	mandinga

Fonte: Dados da pesquisa.

## 6.1 FALANTES GUINEENSES EM BISSAU

As unidades lexicais a seguir foram extraídas nas entrevistas de informantes que moram em Bissau no momento da entrevista. Ao lado de cada palavra colocamos o seu respectivo significado:

Caldo de mancara: comida típica guineense feito de mancara e outros ingredientes;

Caldo de chabeu: comida típica guineense, feito de tchebem/chabeu e outros ingredientes;

Djambo: qualquer tipo de folha comestível;

Kuntchurbedja: marisco;

Gosto: caldo de marca Knorr/sazon;

Djambadom: ritmo musical;  
Djidius: pessoas que tocam instrumento para as pessoas dançarem;  
Trinta e cinco: jogo de crianças;  
Ndule ndule: jogo de crianças;  
Bentaninha: tipo de peixe;  
Caudo: tipo de peixe;  
Madronha: medicamento tradicional;  
Nenê badadje: medicamento tradicional;  
Caldo branco: comida típica da Guiné-Bissau;  
Suculbembe: malagueta mais crescido;  
Djagatu: jiló;  
Pimenta: pimentão;  
Malagueta: pimenta;  
Mafé: molho;  
Saia bidjugo: saia feita de linhas;  
Bus: carcaça de marisco;  
Siti: óleo de palma ou dendê;  
Malha: jogo de crianças;  
Surumba surumba: jogo de crianças;  
Banana: jogo de crianças;  
Djafal: tipo de peixe;  
Iaiboi: tipo de peixe;  
Cimpot: tipo de peixe;  
Bentana: tipo de peixe;  
Esquilon: tipo de peixe;  
Escama risso: tipo de peixe;  
Afetere: tipo de peixe;  
Djoto: tipo de peixe;  
Dutur: medicamento tradicional;  
Futi: comida;  
Netatu: caroço de faroba;  
Kusunde: estilo de dança do grupo étnico balanta;  
Tocar palmo: brincadeira de crianças;  
Bentulate: jogo de crianças;

Siga: comida típica feita de candja/quiabo;  
 Escalada: peixe salgada;  
 Candja: quiabo;  
 Kombe: marisco;  
 Broska: estilo de dança de grupo étnico balanta;  
 Tabanca: aldeia;  
 Banda: pedaço de pano;  
 Tchakual: bermuda/ calção;  
 Malilas: raiz de arvores usada como gargantilha e pulseira;  
 Mancara: amendoim.

## 6.2 FALANTES GUINEENSES NO BRASIL

Os dados conseguidos são das gravações feitas com estudantes guineenses no Brasil falantes da variedade do português guineense. Alguns dos nossos entrevistados falam outras línguas além do português que é a segunda ou terceira língua. A lista das palavras em baixo mostra as palavras das outras línguas usadas na variedade do PG.

*Canfurbat*: petisco;

*Heinghaie*: dança de grupo étnico flup;

*Lope*: pano usado pelos homens para cobrir as partes íntimas, espécie de cueca; *Bombolom*: instrumento musical guineense;

*Cafriela*: comida típica guineense;

*Canta pó*: canção cantada numa certa cerimônia;

*Pano de pente*: panos produzidos na Guiné-Bissau;

*Fundinho*: vestuário;

*Fole*: fruta silvestre da Guiné-Bissau;

*Veludo*: fruta da Guiné-Bissau;

*Faroba*: fruta da Guiné-Bissau;

*Pó de sangue*: pau de sangue;

*Sete pedras*: jogo de crianças;

*Silimbique*: jogo de crianças;

*Badjiki*: legume usada para alimentação;

- Cupi bidão*: jogo de crianças;
- Satcho*: as pessoas amaram nos pés para dançar;
- Nbila*: tipo de peixe;
- Selebsonh*: peixe pequeno;
- Peixe sapato*: tipo de peixe o mesmo que nbila;
- Primanpatch*: estilo de dança dos mancanhes;
- Sindjadura*: corda que as mulheres usam para amarrar o pano;
- Mandipli*: fruta;
- Maciti*: medicamento tradicional;
- Badosdos*: medicamento tradicional;
- Nkoronkonto*: medicamento tradicional;
- Kansare*: manifestação cultural do grupo étnico pepel;
- Ancol*: fruta similar a coco, ou como mostra no dicionário do crioulo de Escantamburlo “fruto fresco da palmeira chamada cibe”;
- Quetcher*: peixe;
- Mancubar*: medicamento tradicional;
- Manfafa*: é alimento tubérculo;
- Balafon*: instrumento musical;
- Cacre*: tipo de marisco;
- Tina*: estilo musical guineense/instrumento usado para tocar que cabaz dentro da basia com água;
- Kulembe*: raiz medicinal;
- Bissilão*: árvore;
- Faroba*: fruto comestível de uma planta;

Algumas destas unidades lexicais já foram dicionarizadas na obra de Scantamburlo (1999). Para fazer a comparação dos dados recolhidos durante as entrevistas utilizamos o Dicionário do crioulo guineense de Scantamburlo com intuito de verificar se alguma palavra existe no crioulo. E fizemos o mesmo com o dicionário bilíngue do português crioulo no qual não encontramos nenhum corpus dos dados. Vejamos o Quadro 9:

**Quadro 9** - Dados encontrados no dicionário e os seus significados

<b>Escrita no português</b>	<b>Significado no dicionário do crioulo guineense</b>
<i>Djambacus</i>	Curandeiro; advinho. Banhum “djambakos” (p.145)
<i>Djagato</i>	Bringela africana; legume e sabor amargo, muito usado na culinária da Guiné-Bissau. (p.145)
<i>Cacre</i>	Crustáceo da ordem dos decápodos, e tamanho menor que caranguejo. (p. 248)
<i>Escalada</i>	Peixe salgado e depois secado. (p.559)
<i>Badjiki</i>	Rosela (p.53)
<i>Bentaninha</i>	Bentana pequena que vive nas bolanhas. (p.74)
<i>Kusunde</i>	Instrumento musical de percussão.(p. 306)
<i>Broska</i>	Tipo de baile dos balantas. (p.93)
<i>Lope</i>	Pano que substitui cuecas. (p.342)
<i>Bombolom</i>	Espécie de tambor, feito de tronco de oco de árvore. (p.88)
<i>Fundinho</i>	Calção largo dos mandingas. (p.199)
<i>Mandipli</i>	Planta que produz frutos de cor amarela. (353)
<i>Fole</i>	Fruto de uma árvore trepadeira. (p 190)
<i>Combe</i>	Molusco bivalve (p. 284)
<i>Canafistra</i>	Planta da família das leguminosas (p.255)
<i>Afetere</i>	Vestido solto e largo. (p.08)
<i>Djidiu</i>	Cantor popular mandinga. (p.149)
<i>Suculbembe</i>	Espécie de pimentão, cujos frutos são muito picantes quando maduros. (p.576)
<i>Futi</i>	Prato guineense com bentaninha secas e defumados. (p. 202)
<i>Djoto</i>	Espécie de peixe semelhante à corvina, mas com a boca maior. (p. 152)
<i>Esquilão</i>	Variedade de bagre. (p. 560)

Fonte: Scantamburlo (1999)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na monografia, procuramos entender como varia o português guineense no seu nível léxico semântico. Na segunda secção descrevemos sobre variação linguística e as suas características, nessa primeira parte abordamos sobre a língua e linguagem depois, falamos sobre variação linguística de uma língua no qual trouxemos alguns exemplos sobre a variação na Guiné-Bissau e por último nessa secção falamos das características da variação onde abordamos sobre as variações por dentro da língua e a variação por fora da língua.

Na terceira secção tratamos dos processos neológicos e a neologicidade. Na primeira parte desse capítulo discutimos sobre o léxico, vocabulário e a semântica no qual, trouxemos alguns autores para nossas discussões e também alguns exemplos sobre o léxico do PG em comparação com léxico do PB e trouxemos alguns empréstimos vinda das línguas étnicas da Guiné-Bissau para o PG. Na quarta secção tratamos de assunto metodológico, na primeira parte falamos sobre aspectos geopolíticos e culturais de Bissau e caminhos percorridos para a realização das entrevistas e na última secção apresentamos dados da pesquisa com participantes de Bissau e do Brasil e fizemos análises.

O trabalho tem como objetivo analisar a situação da variabilidade do léxico semântico do português guineense. Conseguimos atingir o objetivo traçado para esse estudo. Por outro lado, conseguimos alcançar de uma forma satisfatória a resposta do que problematizamos para realização dessa pesquisa. Vimos que a nossa hipótese se aproxima um pouco daquilo que nós conseguimos na nossa pesquisa, de que, o PG varia porque maiorias dos guineenses que residem em Bissau não conhecem essa língua ou através das interferências das outras línguas. Portanto, constatamos as interferências das outras línguas faladas na GB que entram no português

Durante o levantamento de dados que fizemos sobre a variação léxico semântico do português guineense, percebemos que algumas unidades lexicais são provenientes das línguas étnicas e do crioulo guineense. Portanto, não podemos negar a existência da variedade do PG falada em Bissau.

A variedade da língua portuguesa falada na Guiné-Bissau, principalmente em Bissau, é o resultado de contato de português com as outras línguas existentes no país. De acordo com Lopes (2011, p.14) “o contacto entre línguas é um fenómeno



muito antigo que prevalece no mundo actual, sendo vários os estudiosos que buscam definir este fenómeno, suas origens, processos e resultados. ” Podemos afirmar que existe uma variedade do português guineense sim, porque, carrega os aspetos culturais de diferentes grupos sociais da Guiné-Bissau e esses elementos culturais fazem com que essa variedade difere das outras variedades do português.

As falas dos inquiridos, deixaram claro que existe uma variedade do português guineense falado naquele território. Essa variedade identifica os guineenses e faz com que sejam identificados como tais, porque a variedade é um modelo de identificação. A língua é um elemento da identidade de ser humano. No artigo 7<sup>a</sup> da Declaração Universal Dos Direitos Linguísticos na alínea 1 diz o seguinte: “todas as línguas são a expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de apreender e escrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções”. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS, 1996, s.p).

O direito à língua é também discutido em outros espaços dos PALOP, a exemplo de Cabo Verde em que quase a totalidade dos CaboVerdianos têm a língua caboverdiana como língua materna. Por isso Lopes (2011, p.496) sugere que “...sejam criadas as condições necessárias, ao mesmo tempo que incumbe o Estado preservar, defender, valorizar, promover e desenvolver a língua materna caboverdiana e incentivar o seu uso na comunicação escrita”. A autora defende o reconhecimento do direito dos cidadãos de conhecer e usar as duas línguas e à não discriminação em razão da língua.

Portanto, a variedade do português falada em Bissau é uma identidade tendo em conta a realidade desse povo e a forma como os falantes interpretam o mundo aos seus redores é isso que caracteriza essa variedade como uma identidade desse povo.

Concluimos que, a variedade do português guineense deve ser ensinada nas escolas para que os guineenses possam desenvolver autoestima, porque não é só em Portugal onde se fala bem português. Nem todos os guineenses sabem da existência dessa variedade. Por isso, os manuais escolares deveriam trazer capítulo sobre “variação linguística”. O preconceito linguístico deve ser combatido a partir da escola.

Com isso, queremos chamar a atenção dos governantes guineenses para pensar na criação de um dicionário (monolíngue) e de gramática da variedade do

PG que vai de acordo com a realidade dos guineenses. A gramática do português europeu (PE) ou do português brasileiro (PB), não cobre todas as necessidades dos guineenses. Entendemos que não é possível fazer somente o uso do dicionário de PE e de PB para as consultas em salas de aula. Por exemplo, a palavra **djambo** não existe no PB ou PE. Se o PG tivesse o seu dicionário não frustraria os consulentes.

Por outro lado, o estado deve estabelecer uma política linguística que promova a variedade do PG tal como acontece no PE e PB. Nas escolas, ainda se ensina a gramática de Portugal, o que está longe da realidade guineense. Lembrando que a língua portuguesa falada hoje em Bissau não é a língua dos colonizadores, mas é a própria língua dos guineenses, porque carrega consigo os elementos culturais guineense e responde a realidade guineense.

O léxico se liga à cultura porque as palavras só fazem sentido dentro do contexto da sociedade. Se toda sociedade tem cultura, então a língua se une à cultura e busca interpretações aceitas pela sociedade. Godoy e Santos acreditam que a “centralidade da cultura nos ajuda a pensar a educação escolarizada, privilegiando mais as identidades do que as diferenças, trazendo para as discussões, entre as paredes das salas de aulas das diferentes disciplinas, a questão da pluralidade cultural, religiosa, racial, sexual, econômica, política etc.” (GODOY, SANTOS, 2014, p.39).

Para terminar, chamamos atenção para a padronização da escrita do crioulo. Contudo existe alguns dicionários dessa língua, mas é preciso uma ter a regra da escrita que pode facilitar os falantes dessa língua a ter uma única forma de escrever porque, em alguns casos cada falante escreve da sua forma, por exemplo, “chuva” uma pessoa pode escrever no guineense “tchuba”, “tcuba” e “cuba”. É muito difícil deixar em aberto que cada falante escreva da sua forma. É preciso a boa vontade dos governantes em trabalhar para o desenvolvimento dessa língua e das outras línguas do país. Isso ajudará até na língua portuguesa, embora o português tem a sua ortografia padrão, mas quando entra um estrangeirismo do guineense as pessoas vão saber como manter a sua grafia para que todo mundo escrevesse de igual modo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística . *Alia*, São Paulo, 40: 11-16, 1996.
- ANTUNES, Antunes. **Muito além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- AUGEL, Moema Parente. O crioulo guineense e a oratura. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.10, n.19, p.69-91, 2º sem. 2006.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falado assim**: em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.
- BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. **Guia Turístico**: à descoberta da Guiné-Bissau. Coimbra Ediliber. 2015.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA**: Revista de linguística, São Paulo, V.40, 1996.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Revista Alfa**. Araraquara-SP, vol.40, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, São Paulo. n. 2, p. 81-118, 1998.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, Editorial, 2005.
- BULL, Benjamim Pinto. **O crioulo da Guiné-Bissau**: filosofia e sabedoria. Instituto de Língua Portuguesa. 1ª edição, 1989.
- CÁ, Segunda & TIMBANE, Alexandre A. (2021). A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense. *Revista Internacional Em Língua Portuguesa*, (39), 129–152.
- CABI, Lucas Augusto; TIMBANE, Alexandre António. Estudos do léxico da variedade guineense do português a partir da obra de Odete Semedo. **Njinga & Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.254-275, dez.2022.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 21. ed. Petrópolis, RJ: vozes Ltda, 1992.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica.** 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl, et.al. **Para conhecer a sociolinguística.** São Paulo, ed. Contexto, 2015

CORREIA, Margarita. Para compreensão do conceito de 'empréstimo interno': primeira abordagem. In: Isquierdo, Aparecida Negri; Finatto, Maria José Bocomi (org.). **As Ciências do léxico.** Campo Grande, MS; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010, p. 39-63.

CORREIA, MARGARITA; BARCELLOS ALMEIDA, Glaides Maria. **Neologia em português.** São Paulo: Ed. parábola, 2012.

COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena: Literatura, Língua e cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. **PAPIA.** Ed. Thesaurus, nº 20, universidade de Brasília, 2010.

FAFINA, Danilo Mussa. "**Língua portuguesa: Guiné-Bissau e Brasil um caso de variação linguística**". (2011).

FARACO, Carlos Alberto. **História do português.** São Paulo: Parábola, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização.** São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIM, José Luiz. **A linguagem humana: do mito à ciência.** Linguística, p. 13-46, 2013.

FONSECA, Susana Paula Bernardino. **Aquisição e Aprendizagem da Referência Nominal no contexto do Português Língua não Materna na Guiné-Bissau.** 2012. 160 f. (Mestrado) Universidade Aberta. Área de investigação: Aquisição e desenvolvimento da Linguagem. 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O "social" da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Revista Diadorim.** vol.8, nº1, p.43-58, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7958/15689>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

FREITAG, Raquel Meister Ko. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. **Revista Alfa,** São Paulo, v.65, e13027, p.1-17, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13027>>. Acesso em: 5jan.2023.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, SE, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Elenilton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um olhar sobre a cultura. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.30, n.03, p.15-41, jul.-set. 2014.

Guiné-Bissau. Constituição da República da Guiné-Bissau (1996)

GUINÉ-BISSAU. Recenseamento Geral de População e Habitação (RGPH, 2009). **Características socioculturais. Bissau: INE.**

ILARI, Rodolfo; RENATO, Basso. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009 [2006].

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Amália Maria Vera-Cruz. **As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística**. 586f. 2011. Tese de doutoramento, Linguística (Sociolinguística), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011.

MANUEL, Cátia; TIMBANE, Alexandre António. O crioulo da Guiné-Bissau é uma língua de base portuguesa? embate sobre os conceitos. **Revista de Letras - Juçara**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 107-126, 2018.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. – 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

MARTINI, Mariana; MORGADO, Marta. **Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense**. Lisboa: Surd'Universo, 2008.

MENDES, Leonel Vicente. **(Des) caminhos do sistema de ensino guineense: avanços, recuos e perspectivas**. Curitiba: Ed. CRV, 2019.

NAMONE, Dabana. A língua portuguesa e o insucesso do sistema de ensino na Guiné-Bissau: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.37-53, jul./dez. 2021.

NEVES, Maria Helena de Moura; CASSEB-GALVAO, Vânia Cristina (Org.). **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra, os autores**. São Paulo: Parábola, 2014.

ONU. Erradicação da pobreza. 2023. Disponível em: <https://guineabissau.un.org/pt/sdgs/1>. Avesso em 11 jan.2023.

PASSOS, Alessandra Figueiredo Kraus; CAMPELO, Fernanda de Souza Pedroso; CARDOSO, Valéria Faria. Resenha do capítulo A estratificação social do (r) nas lojas de departamentos na cidade de Nova York. **Web: revista sociodialeto**. Vol.7, nº20, p.525-529, nov./fev.2017.

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e Linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **ReVEL**. Vol. 8, n. 14, p.1-12, 2010. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_14\\_entrevista\\_perini.pdf](http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf) >. Acesso em: 13 jan.2023.

RODRIGUES, Ulisdete Rodrigues de Souza. Elementos para a compreensão de línguas crioulas e pidgins: conceito e hipóteses. **Revista associação brasileira de estudos africanos**, v.02, n.02, p. 43-59. 2019. Disponível em: [revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/](http://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/). Acesso em: 27. Set. 2020.

ROMAN, Luci Ana Besminoff. **Variação linguística no espaço escolar: uma proposta para valorizar as aulas de língua portuguesa**, 2016. Disponível em: [www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos](http://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos). Acesso em: 27. set. 2020.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa: duas pátrias, uma mesma língua**. Curitiba: Apris, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: cultrix, 2006.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do crioulo guineense, volume I- e Notas Gramaticais**. Lisboa: Edições Colibri/FASPEBI, 1999.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense**. 2013. 371 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

SIGA, Júlio Mário. **Divulgação e Consolidação do Português L2 na Guiné-Bissau: Uma proposta a partir da análise do Sistema Literário guineense**. 2022. 125 f. (Mestrado Acadêmico em Português Língua não Materna – Português Língua Estrangeira e Língua Segunda) Universidade do Minho, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, 2022.

SILVA NETO, Gabriel Lage da. Prefácio. In: SOUZA, Elisa Maria Pinheiro de; PENA, Waldinett Nascimento Torres (Org.). **Diacronia: português brasileiro** [recurso eletrônico]. Curitiba: Bagai, 2020. p.7-9.

TIMBANE, Alexandre António. A lexicultura no português de Moçambique. **Linguagem: estudos e pesquisas**. Catalão. vol.18, n.2, p.43-59, jul./dez.2014.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318 f. tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, 2013.

TIMBANE, Alexandre António. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Via Litterae**, Anápolis, v. 4, n. 1, p. 5-24, 2012

TIMBANE, Alexandre António; REZENDE, Meire Cristina Mendonça. A língua como instrumento opressor e libertador no contexto lusófono: o caso do Brasil e de Moçambique. **Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 3, p. 388–408, 2016.

TORTO, Graça Rio. **O Léxico**: semântica e gramática das unidades lexicais. Coimbra? Ed. FLUC. Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos p. 01-20, 2006.

VILELA, Mário. **O léxico do português**: perspectivação geral. v.1, São Paulo: P.31-50 1997.

WITKOWSKI, Rejane. **A Sociolinguística e suas principais correntes de estudo**. Centro universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI, 2013.

WORLD BANK. **The World Bank in Guinea-Bissau**. Disponível em:<https://data.worldbank.org/country/guinea-bissau?view=chart> acesso em 25 aug. 2022

**APENDICES**



**Tabela 1** - Dados dos informantes em Bissau

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>
01	Masculino	27
02	Feminino	20
03	Feminino	25
04	Feminino	41

Fonte: Dados da pesquisa

**Tabela 2** - Informantes que residem no Brasil

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>
01	Masculino	21
02	Feminino	27
03	Feminino	25
04	Feminino	22
05	Masculino	23
06	Masculino	20
07	Feminino	25
08	Feminino	20
09	Masculino	21
10	Masculino	22
11	Masculino	24
12	Masculino	28
13	Masculino	26
14	Feminino	20
15	Feminino	21
16	Feminino	24
17	Feminino	20
18	Masculino	24

Fonte: Dados da pesquisa

**Tabela 3** - Palavras de origem guineense e das línguas étnicas português guineense

<b>Sexo</b>	<b>Falante</b>	<b>Nº palavras</b>	<b>porcentagem</b>
<b>Masculino</b>	01	13	26%
<b>Feminino</b>	03	37	74%
<b>Total</b>	04	50	100%

Fonte: Dados da entrevista

Como consta na tabela, algumas unidades lexicais que nós temos, algumas delas são emprestadas das línguas étnicas e do crioulo guineense 26% dos falantes masculinos e 74% dos falantes femininos. Ambos os sexos utilizam as palavras provenientes dessas línguas.

**Tabela 4 - Porcentagens dos falantes masculino e feminino no Brasil**

<b>Sexo</b>	<b>Falante</b>	<b>Nº palavras</b>	<b>porcentagem</b>
<b>Masculino</b>	09	19	50%
<b>Feminino</b>	09	19	50%
<b>Total</b>	18	38	100%

Fonte: Dados da pesquisa

**Tabela 5 - Porcentagens dos falantes em Bissau**

<b>Escolaridade</b>	<b>Falante</b>	<b>Nº palavras</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Escolarizado</b>	04	50	100%
<b>Não escolarizado</b>	00	00	00%
<b>Total</b>	04	50	100

Fonte: Dados da pesquisa

**Tabela 6 - Porcentagens das faixas etária dos entrevistados no Brasil**

<b>Faixa etária</b>	<b>Falante</b>	<b>Nº palavras</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>escolarizados</b>	18	19	100%
<b>Não escolarizado</b>	00	00	00%
<b>Total</b>	18	19	100%

Fonte: Dados da pesquisa

**Tabela 7 - Porcentagens total dos entrevistados**

<b>Faixa etária</b>	<b>Falante</b>	<b>Nº palavras</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Jovens</b>	22	69	100%
<b>Idosos</b>	00	00	00%
<b>Total</b>	22	69	100%

Fonte: Dados da pesquisa